



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE FILOSOFIA - BACHARELADO**

**ELLY-BERTO AMANCIO CORREIA NUNES**

## **A CRÍTICA DA RELIGIÃO**

**UMA ANÁLISE TRANSDISCIPLINAR DO FENÔMENO RELIGIOSO DESDE AS  
PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES AO SÉCULO XXI**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2024**

**ELLY-BERTO AMANCIO CORREIA NUNES**

**A CRÍTICA DA RELIGIÃO**

UMA ANÁLISE TRANSDISCIPLINAR DO FENÔMENO RELIGIOSO DESDE AS  
PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES AO SÉCULO XXI

Monografia apresentada ao Curso Superior de Bacharelado em Filosofia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientação: Prof. Dr. Hélio Ázara de Oliveira

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**2024**

N972c

Nunes, Elly-Berto Amancio Correia.

A crítica da religião: uma análise transdisciplinar do fenômeno religioso desde as primeiras civilizações ao século XXI / Elly-Berto Amancio Correia Nunes. – Campina Grande, 2024.

97 f.

Monografia (Bacharelado em Filosofia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Hélio Ázara de Oliveira".

Referências.

1. Filosofia e Religião. 2. Abordagem Transdisciplinar. 3. Fenômeno Religioso – Perspectiva. 4. Ateísmo. 5. Cristianismo. 6. Darwinismo. I. Oliveira, Hélio Ázara de. II. Título.

CDU 1:2(04)

**ELLY-BERTO AMANCIO CORREIA NUNES**

**A CRÍTICA DA RELIGIÃO**

**UMA ANÁLISE TRANSDISCIPLINAR DO FENÔMENO RELIGIOSO DESDE AS  
PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES AO SÉCULO XXI**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Bacharelado em Filosofia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientação: Prof. Dr. Hélio Ázara de Oliveira

Aprovada em Campina Grande/PB, 08/10/24

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Hélio Ázara de Oliveira (Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eberth Eleutério dos Santos (Examinador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Edson Adriano Moreira (Examinador)

Dedico este trabalho a todos aqueles que através de seus feitos, garantiram-me o direito de poder expressar toda a minha indignação com as religiões.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha esposa Luany de Macedo Nascimento, que com toda a sua garra e incentivo me ajudou a não desistir de nosso projeto maior. Obrigado à minha filha Nicolle Sophia de Macedo Nunes por ser a razão pela qual eu enfrento todas as dificuldades do dia a dia.

Agradeço à minha mãe Maria do Socorro Correia Nunes Amancio que me ensinou a ser alguém que sempre buscou ser honesto em palavras e em ações. E que mesmo quando todas as dificuldades se apresentaram, não se absteve em me apoiar de todas as formas possíveis. Aos meus irmãos Elly, Ellynes e Ellydberto, que compartilharam comigo todos os momentos de dificuldades e de aprendizados desde a infância. Ao meu pai, Edberto Amancio da Silva, que embora não possa mais entender estas palavras, me ensinou do seu jeito “torto”, muitas vezes equivocado, a me incomodar com o mundo e questioná-lo sempre.

Gostaria também de agradecer à minha tia materna Gilvany Correia Nunes e seu esposo Denis Ramalho Cavalcante Montenegro, por serem durante muito tempo a minha maior inspiração cultural e política, sempre me incentivando a nunca desistir dos meus projetos e acreditar em meu potencial.

Não poderia deixar de agradecer aos meus sogros Maria Ancilete de Macedo Nascimento e Edson Costa do Nascimento por todo o apoio que me proporcionaram.

Gostaria de agradecer a todo o corpo docente do curso de Filosofia da UFCG, que me ofereceram seus ombros para que eu pudesse enxergar mais longe.

“O conceito de “Deus” foi até agora a maior *objeção* à existência...  
Negamos a Deus, negamos a responsabilidade em Deus: apenas  
*assim* libertamos o mundo.”

**F. Nietzsche**

## RESUMO

Este trabalho parte de uma abordagem transdisciplinar com o intuito de investigar o fenômeno religioso pelo maior número de perspectivas possíveis, a metodologia empregada é a de revisão bibliográfica. Através de obras de especialistas em diversas áreas do conhecimento, partindo primeiramente de uma perspectiva biológica sob a ótica darwinista desenvolvida por Richard Dawkins em sua obra *Deus, um delírio* (2006). Em segundo lugar, a investigação é desenvolvida sob a perspectiva histórica e antropológica, com enfoque na obra *Sapiens - Uma breve história da humanidade* (2015) de Yuval Harari. Em terceiro lugar, a pesquisa é guiada através da abordagem psicanalítica de Sigmund Freud, dando enfoque à sua obra *O Futuro de Uma Ilusão* (1927). Através da crítica Feuerbachiana, com enfoque nas obras *A Essência do Cristianismo* (1841) e *Preleções Sobre a Essência das Religiões* (1851), desenvolveu-se a fundamentação teórica deste trabalho. Além de uma apresentação da filosofia de Feuerbach e como suas obras influenciaram outros filósofos contemporâneos. O resultado atingido é uma crítica direcionada ao *modus operandi* das religiões e o perigo da influência exercida pelo fundamentalismo religioso nos representantes políticos pelo mundo, além de uma crítica ao papel da filosofia e das ciências neste debate.

**Palavras-chave:** Abordagem Transdisciplinar; Fenômeno Religioso; Perspectiva.



## ABSTRACT

This work is based on a transdisciplinary approach with the aim of investigating the religious phenomenon from as many perspectives as possible. The methodology used is that of a bibliographic review. Through works by specialists in different areas of knowledge, starting primarily from a biological perspective from the Darwinist perspective developed by Richard Dawkins in his work *God Delusion (2006)*. Secondly, the investigation is developed from a historical and anthropological perspective, focusing on the work *Sapiens - A brief history of humanity (2015)* by Yuval Harari. Thirdly, the research is guided through Sigmund Freud's psychoanalytic approach, focusing on his work *The Future of an Illusion (1927)*. Through Feuerbachian criticism, focusing on the works *The Essence of Christianity (1841)* and *Lectures on the Essence of Religions (1851)*, the theoretical foundation of this work was developed. In addition to a presentation of Feuerbach's philosophy and how his works influenced other contemporary philosophers. The result achieved is a criticism directed at the modus operandi of religions and the danger of the influence exerted by religious fundamentalism on political representatives around the world, in addition to a criticism of the role of philosophy and science in this debate.

**Keywords:** Transdisciplinary Approach; Religious Phenomenon; Perspective.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. COMENTÁRIOS SOBRE AS RELIGIÕES: SUAS PROVÁVEIS ORIGENS E JUSTIFICATIVAS.....	11
1.1 Os genes e os “memes” - As justificativas darwinistas para as nossas inclinações religiosas.....	16
1.2 A estrutura conceitual das ideologias/religiões - As origens antropológicas/históricas das Religiões.....	28
1.3 A humanidade “engatinhando” - A nossa predisposição religiosa segundo Freud.....	43
2. A ESSÊNCIA DO “FEUERBACHIANISMO”: COMO FEUERBACH INFLUENCIOU A FILOSOFIA DESDE O SÉCULO XIX.....	56
2.1 Natureza em Feuerbach.....	60
2.2 Deus, a melhor invenção do homem.....	62
2.3 Alienação, o ponto da virada.....	67
3. A QUEM SERVE AS RELIGIÕES?.....	70
3.1 Laicidade, o primeiro passo.....	74
3.2 Porque a crítica da religião é necessária.....	80
3.3 Mais ciência, menos Deus.....	84
4. CONCLUSÃO - UMA SÍNTESE DA PSICOPATOLOGIA DENOMINADA RELIGIÃO.....	90
5. REFERÊNCIAS.....	92

## INTRODUÇÃO

Podemos nos apegar ao argumento de que as religiões têm uma participação importante na manutenção da ordem social, outros argumentaram que a religião é necessária para que haja civilidade no homem, para que a humanidade possa seguir regras sem questionar e garantir o sucesso evolutivo da espécie. Podemos ainda afirmar que é a partir do culto às divindades que as noções de família e povo foram possíveis; que é a partir das práticas ritualísticas que os fracos e os humildes podem participar da vida social; que é a crença na infinitude da alma que possibilita a vontade de viver e de fazer o bem. Mas, quais os custos dessa nossa “adaptação evolutiva”?

Partimos da premissa de que o conceito de liberdade é bastante caro à nossa civilização, todavia, o que se mostra através das investigações sobre a natureza humana é que essa liberdade não só é limitada por condições biológicas, mas por imposições culturais. Se fizermos uma pesquisa com pessoas comuns em qualquer cidade do planeta agora, eu arriscaria dizer que a maior parte dos entrevistados se pudessem escolher entre a sua própria liberdade e a paz de todo o mundo, pensariam pelo menos por um instante em preservar a sua própria liberdade mesmo que viesse a convenientemente afirmar que a paz do mundo é mais importante que o seu próprio conforto. Mesmo aqueles que responderam de imediato, em algum momento se perguntaram se fizeram o correto mesmo. Aliás, se houver de fato um estado de paz onde eu não possa desfrutá-lo, essa paz não pode ser absoluta à toda a humanidade e definitivamente não vai me interessar. Haverá ao menos um sacrifício, o da minha liberdade e isso já invalida qualquer tentativa de se alcançar uma paz universal. Então, por qual motivo a humanidade se condicionou a negar a própria liberdade em troca de uma paz impossível?

As religiões parecem atuar no campo das emoções mais profundas dos seres humanos, encontram seu ápice nos momentos em que a auto-estima encontra-se mais enfraquecida. Rituais são organizados para instigar sentimentos reprimidos através de uma estética minuciosamente elaborada. As tradições religiosas parecem *prima facie* nos orientar sobre como devemos nos comportar diante do outro e do mundo. Os

deuses conservam tudo aquilo que nós enquanto seres limitados jamais poderíamos desenvolver: a imortalidade, a beleza, a pureza, o poder etc.

A questão é: até que ponto as religiões ainda exercem influência nas sociedades? E no caso de democracias constitucionais, como se dá a produção de leis sob a influência dessas religiões? A ascensão da extrema direita ultraconservadora em várias partes do globo indica um retrocesso nas conquistas que aboliram as teocracias no mundo ocidental?

Devemos nos atentar aos perigos da influência do dogmatismo religioso nas entranhas de nossa sociedade, sob a pena de perdermos a nossa tão valiosa liberdade religiosa. Não se trata de defender Estados ateus, preciso ser óbvio, trata-se de preservar a laicidade como fundamento para uma sociedade com menos desigualdades e injustiças.

Devemos simplesmente esquecer daqueles que outrora perseguidos pela intolerância religiosa dos tempos sombrios da humanidade deram as suas vidas para que hoje nós pudéssemos escolher ou não acreditar em Deus? Devemos fechar os olhos para o fortalecimento de tantas teorias da conspiração que negam a eficácia de nossas ciências? - Teorias que em quase todos os casos recorrem a justificativas religiosas para validar seus argumentos. É preciso agir, antes do entardecer. É preciso que a crítica da religião volte a atuar de forma relevante nos meios acadêmicos e que se espalhe por todos os locais de debate da sociedade.

Algumas perguntas devem ser feitas ao longo desta investigação: Qual o impacto do “tipo” de pensamento no qual a crença religiosa também é parte? Quais os benefícios e malefícios desse modelo de entendimento para o indivíduo humano e para a espécie humana? Até onde a crença religiosa é necessária e por quê? Para auxiliar na tentativa de elaborar algumas respostas dessas e de outras perguntas neste sentido, se faz necessário recorrer aos textos de filósofos que em algum momento investigaram a origem das religiões, a sua natureza antropomórfica e o custo da sua influência na história.

É preciso trazer para o debate outras áreas que possam contribuir com a nossa investigação: biólogos; historiadores; antropólogos e psicólogos se sentarão à nossa mesa e apresentarão seus argumentos sobre as possíveis origens do fenômeno

religioso e o que, segundo as suas áreas de estudo, podem justificar a nossa aparente necessidade de Deus. Para isso, busco um diálogo transdisciplinar que tem por objetivo enriquecer o nosso argumento.

Por fim, espero apresentar em minha conclusão, alguma contribuição para este debate que vem sendo negligenciado pela filosofia ocidental contemporânea, o que a meu ver, nos responsabiliza também pelo retrocesso em que a nossa sociedade está flertando tão fortemente.

## 1. COMENTÁRIOS SOBRE AS RELIGIÕES: SUAS PROVÁVEIS ORIGENS E JUSTIFICATIVAS

Quando estamos dispostos a elaborar uma crítica irreligiosa, geralmente nos atemos à nossa própria experiência com esse fenômeno. No meu caso, nascido e criado em um ambiente cristão protestante, quando senti pela primeira vez a necessidade de questionar os dogmas e os rituais senti-me primeiramente ingrato, senti um mal-estar que não sabia explicar. Feuerbach em *A crítica da Religião* dá enfoque ao medo, tão presente na fé cristã:

Mesmo que a minha fé devesse ser livre quanto à sua origem, o medo sempre se mistura com ela; a minha afetividade está sempre presa; a dúvida, o princípio da liberdade teórica, me aparece como um delito. Mas o conceito mais elevado, a essência mais elevada da religião é Deus: o supremo delito é, portanto, a Dúvida em Deus ou a dúvida, se existe um Deus. No entanto, aquilo que eu não ousou duvidar, não posso duvidar sem me sentir intranquilo em meu espírito, sem atrair para mim uma culpa, não é uma questão de teoria, mas de consciência, não é uma entidade da razão, mas da afetividade. (Feuerbach, 2022, p.238)

Hoje convicto de meu ateísmo, entendo que esse mal estar faz parte do processo de desintoxicação tão semelhante a qualquer outra crise de abstinência. O fenômeno religioso entorpece, acalenta, satisfaz, preenche. Nós somos animais sociais, precisamos sentirmo-nos seguros e aceitos, a religião parece corresponder a cada um desses nossos anseios aparentemente naturais, talvez por isso seja tão difícil para a maioria de nós não sentirmo-nos incomodados com qualquer tipo de ataque aos nossos objetos de satisfação. Todavia, não é incomum nos depararmos com situações onde as injustiças colocam a fé das pessoas em xeque. Bastariam algumas horas em um hospital oncológico infantil, por exemplo, para uma pergunta muito comum vir à tona: Se Deus é tão bom, porque ele permite que crianças sofram tanto? Muitas respostas à esse problema foram produzidas ao longo da história da filosofia, todavia, não nos interessa aqui discutir o problema do mal,<sup>1</sup> não é o objetivo deste trabalho. O que

---

<sup>1</sup> O “problema do mal” foi e é amplamente discutido por filósofos da religião e teólogos. Consiste na seguinte afirmação: Se Deus é todo benevolente, como pode existir o mal no mundo? Dentre as possíveis soluções para esta questão podemos citar, Agostinho de Hipona (354-430) em sua obra *De*

pretendo com esse exemplo é dar um pouco de enfoque nos efeitos que a crença em divindades pode nos causar e nos fazer causar.

Em minha pesquisa deparei-me com algumas teorias a respeito da origem e dos motivos do surgimento do fenômeno religioso. O que pude notar na maioria dos casos foi a relação que se faz do surgimento do fenômeno religioso com a tentativa de se entender/explicar a natureza e seus fenômenos. É fácil encontrar diversas semelhanças entre os mais variados cultos que se tem conhecimento, quase sempre as divindades estão ligadas a algum fenômeno natural que a princípio nos causa medo ou a sensação de impotência: trovões, escuridão, morte, entre outros. Da mesma forma, os fenômenos que a princípio nos beneficiam também recebem status de divindade em algumas culturas: o sol, o fogo, a água, entre outros. O que há de comum nos dois exemplos é a antropomorfização dessas divindades, onde o deus quase sempre tem personalidade e em alguns casos vícios e virtudes próprias dos seres humanos.

Quando Xenófanés (560 a.C - 478 a.C.) elabora suas críticas aos modelos de deuses narrados por Homero e Hesíodo, este faz questão de questionar a desconcertante semelhança entre os deuses narrados por eles e seres humanos comuns. Como podem, seres divinos sentirem raiva, paixão, desejo de vingança?<sup>2</sup> Xenófanés já percebera em suas investigações o que mais tarde Feuerbach (1804-1872) também discutiria: que cada deus é na verdade a representação do homem que o cultua. A biologia nos ensina que somos macacos que evoluímos para reconhecer padrões.<sup>3</sup> Talvez por isso a nossa forma de enxergar o mundo esteja limitada a um padrão de causalidade e tudo que foge à essa lógica nos causa na melhor das hipóteses um desconforto. É consenso que essa nossa habilidade em reconhecer padrões foi crucial para o sucesso de nossa espécie, junto com a capacidade de socializar e de se comunicar.<sup>4</sup> Essa capacidade de reconhecer padrões

---

*libero arbitrio* (388) conclui: “Se eu não me engano tal como a nossa argumentação mostrou, o mal moral tem sua origem no livre-arbítrio de nossa vontade”. (Agostinho, p.45)

<sup>2</sup> Cerne do argumento de Xenófanés de Cólofon contra Homero e Hesíodo: “Tudo aos deuses atribuíram Homero e Hesíodo, tudo o quanto entre os homens merece repulsa e censura, roubo, adultério e fraude mútua.”

<sup>3</sup> “A incrível capacidade simbólica do nosso cérebro, um “aplicativo” que provavelmente foi instalado nele não faz tanto tempo assim do ponto de vista evolutivo, também inclui a atribuição de valores morais a ações que, em tese, não envolvem vítimas ou algozes de carne e osso, mas que “agridem” um sistema de valores compartilhados ao grupo ao qual o sujeito pertence”. (Pirulla et al., 2019, p. 195-196),

<sup>4</sup> Entre os aspectos que são apontados pela ciência como vantajosos para o sucesso da espécie *homo sapiens*, está a capacidade de transformar as estruturas sociais, através da capacidade de se criar mitos

também nos faz reconhecer as semelhanças e as diferenças entre os seres de nossa espécie e os que não são da nossa espécie, isto é, aprendemos a ter apreço pelos nossos semelhantes. É notório que nos apegamos facilmente àquilo que nos parece familiar. Atribuímos às coisas e aos animais características exclusivamente nossas, como o amor, o desejo, a raiva, entre outros. Transformamos nossas casas em ambientes padronizados a fim de satisfazer a nossa ânsia por aconchego. Essa nossa capacidade de reconhecer padrões se tornou uma necessidade. Sentimos a necessidade de reproduzir esses padrões através da tradição cultural, através da identidade, através do reconhecimento de si no outro. Eu diria que temos um fetiche incontrolável por espelhos.

O homem moderno (*homo sapiens*) passou a maior parte da sua existência enquanto espécie, cerca de 200 mil anos<sup>5</sup>, provavelmente caçando e coletando, e por isso não dispunha de tempo suficiente para questionar-se sobre os fenômenos que o cercava, muitos estudos indicam que as únicas preocupações eram a sobrevivência e a segurança da prole. Porém, com a invenção da agricultura foi possível a estes indivíduos algum momento de ócio que provavelmente facilitou o desenvolvimento das primeiras indagações sobre o mundo e seus fenômenos, culminando na criação de narrativas mitológicas para tentar dar sentido a esses fenômenos. Dotado da capacidade de criar narrativas, o homem primitivo passou a projetar os seus medos, as suas frustrações, as suas limitações e anseios em figuras imponentes, poderosas, perfeitas e assim criaram deuses a sua imagem e semelhança.<sup>6</sup>

Para Feuerbach, a raiz da religião se encontra no sentimento de dependência do homem com a natureza.<sup>7</sup> Todavia, os povos mais antigos, por não terem o conhecimento definitivo sobre as leis da natureza, isto é, antes do desenvolvimento das

---

coletivamente: “Isso foi essencial para o sucesso dos *sapiens*. Em uma briga de um para um, provavelmente um neandertal teria derrotado um *sapiens*. Mas em um conflito de centenas, os neandertais não teriam uma chance sequer. Os neandertais podiam partilhar informações sobre o paradeiro de leões, mas provavelmente não podiam contar - e revisar - histórias sobre espíritos tribais. Sem a capacidade de criar ficção, os neandertais não conseguiam cooperar efetivamente em grande número nem adaptar seu ambiente social para responder aos desafios em rápida transformação.” (Harari, 2018, p.43)

<sup>5</sup> (Harari, 2015, p. 7)

<sup>6</sup> “A explicação da religião a partir do medo é confirmada sobretudo pela experiência, uma vez que todos ou a maioria dos povos rudes fazem objeto da religião só ou principalmente os fenômenos aterrorizantes da natureza”. (Feuerbach, 2009, p. 39)

<sup>7</sup> Ver capítulo 2.1 *Natureza em Feuerbach*



ciências naturais, passaram a atribuir deuses aos fenômenos naturais, o que segundo Feuerbach, fundou o germe da religião supersticiosa e carregada de simbolismos. Para Freud (1856-1939), a religião é uma representação dos anseios infantis da humanidade, ontologicamente e filogeneticamente.<sup>8</sup> Para Nietzsche (1844-1900) a religião é um obstáculo que a humanidade precisa superar para alcançar a sua emancipação.<sup>9</sup> Para Marx (1818-1883), a religião é uma ferramenta de alienação das massas e que impede que o homem enxergue as injustiças que sofre no sistema de exploração do capitalismo.<sup>10</sup> Para Schopenhauer (1788-1860), as religiões são o sintoma de que a maior parte das pessoas não possuem capacidade filosófica e necessitam de narrativas mitológicas para satisfazer a sua limitação em entender o mundo.<sup>11</sup> Para Hume (1711-1776), a crença religiosa não pode ser racional, embora tenha implicações importantes no cotidiano humano.<sup>12</sup> Cada filósofo pensa a religião de um ponto de vista muito próprio, todavia, podemos perceber em todos os casos citados a relação do fenômeno religioso com características próprias do ser humano, seja no aspecto psicológico, biológico, físico ou comportamental. Em outras palavras, o fenômeno religioso que estamos abordando depende de um conceito antropológico específico, o conceito de ser humano enquanto animal cultural.

Indiscutivelmente as religiões são dotadas de aspectos culturais, seja na estrutura de seus rituais ou na base ideológica de seus sistemas. Há uma relação mútua entre a religião e outras manifestações culturais coexistentes em uma sociedade. O fenômeno religioso influencia o comportamento, as leis, a organização social, a

---

<sup>8</sup> Ver capítulo 1.3 *A humanidade “engatinhando” - A nossa predisposição religiosa segundo Freud*

<sup>9</sup> Fundamento da crítica nietzschiana às religiões, principalmente ao cristianismo: “Fomos nós que inventamos a noção de “finalidade: a finalidade está *ausente* da realidade... Somos necessários, somos um fragmento de destino, pertencemos ao todo, *estamos* no todo - não há nada que possa julgar, medir, comparar e condenar o todo... *Mas não há nada fora do todo!* - Que ninguém mais seja responsabilizado, que não seja lícito explicar o tipo de ser mediante uma *causa prima*, que o mundo não constitui uma unidade nem como sensorio nem como “espírito”, *apenas essa é a grande libertação* - apenas assim a *inocência* do devir é restaurada... O conceito de “Deus” foi até agora a maior *objeção* à existência... Negamos a Deus, negamos a responsabilidade em Deus: apenas assim libertamos o mundo”. (Nietzsche, 2012, p.58-59)

<sup>10</sup> Ver capítulo 3. *A quem serve as religiões?*

<sup>11</sup> Na antológica obra: *O mundo como vontade e representação Tomo II*, Schopenhauer dedica o capítulo XVII ao que ele denomina como a necessidade metafísica da humanidade.

<sup>12</sup> “Não resta dúvida que em nenhuma instância há um fundamento racional para a religião. Nem mesmo a prática religiosa, para o filósofo escocês, se baseia na consciência, mas na mesma superstição. Não buscamos a Divindade porque queremos alcançar uma prática moral, mas para bajulá-la. O ser humano acaba justificando tudo - moral, crença, suposições metafísicas e epistemológicas - pela atitude supersticiosa”. (Lopes, 2014)

dinâmica social, a educação e em muitas vezes os vieses “científicos”. Aliás, os agentes de cada uma dessas faces da sociedade são também produtos da cultura que constroem. Alguns fenômenos religiosos podem sofrer alguma influência do ambiente em que passa a agir, desde que se pretenda uma religião universal, isto é, uma religião que tenha como mote a conversão do máximo de indivíduos e a hegemonia no discurso religioso. O cristianismo, por exemplo, em vários momentos de sua longa consolidação como a principal religião do ocidente, “deixou-se” adaptar a vários rituais e crenças pré-existentes em alguns povos que “converteu”, isso se chama sincretismo, mais especificamente sincretismo religioso. Talvez, traçando um paralelo com a biologia, essa capacidade do cristianismo em se adaptar diante das mais diversas resistências tenha sido fator preponderante para a sua consolidação. Não deixemos de apontar para outro fator não menos evidente na consolidação do cristianismo, o fator dominação através da repressão e da violência. Esse aspecto violento do cristianismo, aliado à sua capacidade de sincretismo forjou uma fera violenta e persuasiva que ao invadir um ecossistema subverte a ordem natural e por meio próprios obriga o ambiente a adaptar-se a ela, causando primeiramente um desequilíbrio ambiental, para então, após a superação de todas as resistências consolidar-se como “espécie dominante” na cadeia.

## 1.1 Os genes e os “memes” - As justificativas darwinistas para as nossas inclinações religiosas

Algumas questões são postas pelo biólogo queniano Richard Dawkins em sua obra *The God Delusion* de 2006 quando o mesmo trata das possíveis raízes da religião segundo a ótica darwinista. “Será a religião um placebo que prolonga a vida reduzindo o estresse?”<sup>13</sup> Essa indagação dialoga diretamente com o argumento teísta que atesta as vantagens psicológicas e sociais das crenças religiosas. Em artigo publicado no site SciELO Brasil (Revista brasileira de enfermagem) intitulado **Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente**, Murakami e Campos concluem:

A religião também influencia positivamente sobre o estado de saúde, porque ensinam e cobram de seus fiéis, comportamentos de proteção, e de condução à saúde. Desse modo, o indivíduo deixa de fumar, fazer uso de álcool, passa a ter atitudes positivas como a oração, ou meditação, que oferecem conforto emocional e redução do estresse. (Murakami et al., 2012)

Este é apenas um dos muitos exemplos de argumentos que atribuem à prática religiosa os méritos de uma qualidade de vida supostamente melhor para seus adeptos. Todavia, não é preciso muito esforço para perceber que o uso da prática religiosa em pacientes que apresentam estado mental vulnerável se assemelha a uma prática desleal, visto que diferentemente de um método de tratamento atestado cientificamente, a indução de um indivíduo vulnerável a práticas que violam a sua liberdade intelectual é no mínimo questionável. Se passarmos a tomar as práticas culturais como métodos de cura, corremos o risco de transformá-las em puros métodos de adestração. “O fato de um crente ser mais feliz que um cético não quer dizer muito mais que o fato de um homem bêbado ser mais feliz que um sóbrio”.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Dawkins, 2006, p.221.

<sup>14</sup> Dawkins, 2006, p.220.

Outra questão abordada por Dawkins é que supostamente “A causa aproximada da religião pode ser a hiperatividade de determinada área do cérebro”.<sup>15</sup> Além das chamadas teorias de “seleção de grupo”:

A seleção de grupo é a controvertida ideia de que a seleção darwiniana escolhe entre espécies ou outros grupos de indivíduos. O arqueólogo Colin Renfrew, de Cambridge, sugere que o cristianismo sobreviveu devido a uma forma de seleção de grupo, porque alimentava a ideia de lealdade e de amor dentro do grupo, e isso ajudou os grupos religiosos a sobreviver em detrimento de outros grupos menos religiosos. (Dawkins, 2006, p.224)

Mas a tese de Dawkins segue outra linha de raciocínio, o que ele chama de “subproduto de alguma coisa”.

O comportamento religioso pode ser um subproduto indesejado e infeliz de uma propensão psicológica subliminar que, em outras circunstâncias, é, ou foi um dia, útil. Por essa visão, a propensão que foi alvo da seleção natural em nossos ancestrais não foi a religião *per se*, teve algum outro benefício, e só de forma incidental é que se manifesta como comportamento religioso. (Dawkins, 2006, p. 230)

Para ilustrar o que seria um subproduto de alguma coisa, Dawkins usa o exemplo do comportamento suicida de mariposas que voam em direção às chamas de velas. Neste caso, as mariposas desenvolveram sistemas ópticos para se guiarem através das luzes dos astros como a lua e as estrelas, o fator luz artificial é algo muito recente na natureza e isso de alguma forma confunde o sistema receptor de luz de algumas dessas mariposas atraindo-as para as chamas. Um olhar mágico sobre esse fenômeno certamente incorreria em algumas explicações místicas para explicá-lo, de modo que ao atribuímos um comportamento como o suicídio ou a autoimolação a um ser que não possui capacidade de abstração, cometemos um ato legítimo de antropomorfização. O comportamento dos indivíduos não é diretamente selecionado naturalmente, mas é uma provável consequência indireta de um mecanismo que em geral é benéfico para a espécie, visto que a maior parte das mariposas continuam seu percurso sem nenhum problema desse tipo.

---

<sup>15</sup> Dawkins, 2006, p.223.

Mas, o que seria análogo ao comportamento das mariposas? Dawkins elabora sua tese com base nas crianças e o seu “treinamento” para receber ordens sem questionar. Tal como soldados em uma brigada militar, as crianças são moldadas desde muito cedo para obedecerem aos seus “superiores” sob a ameaça de punição direta de seus instrutores ou por meios supostamente divinos. Esse treinamento infantil geralmente ocorre por meio de narrativas ou através da experiência empírica dessas mesmas crianças diante de comportamentos considerados inapropriados, seja por meio da punição física ou psicológica o resultado quase sempre é a de um indivíduo preparado para acreditar sem questionar em tudo o que autoridades lhe ensinam. A vantagem parece óbvia quando se trata de sobrevivência, do mesmo modo que soldados que são bem treinados para obedecer às ordens de seu comandante têm mais chances de saírem vitoriosos da batalha, crianças que aprendem desde cedo que não se deve pôr a mão no fogo ou acariciar um crocodilo têm mais chances de chegar a idade reprodutiva e perpetuar seus genes. Assim como nas mariposas, a propensão que foi selecionada naturalmente tinha a função de ajudá-las a se locomover de forma mais eficaz na natureza, aparentemente a propensão que fora selecionada em nós humanos foi a da capacidade de se acreditar sem questionar. Do mesmo modo que a atração das mariposas pelas luzes de velas são consequências indesejadas de um processo geralmente benéfico para a espécie, a nossa propensão em acreditar sem questionar como mecanismo de sobrevivência pode ter gerado a consequência indesejada e nociva a que chamamos de crença religiosa.

A seleção natural constrói o cérebro das crianças com a tendência de acreditar em tudo que seus pais ou líderes tribais lhe disserem. Tais confiança e obediência são valiosas para a sobrevivência: o análogo a navegar orientando-se pela lua, no caso da mariposa. Mas o lado ruim da obediência insuspeita é a credulidade escrava. O subproduto inevitável é a vulnerabilidade à infecção por vírus mentais. Por ótimos motivos ligados à sobrevivência darwiniana, o cérebro das crianças precisa confiar nos pais, e nos sábios a quem os pais orientam a confiar. (Dawkins, 2006, p.233)

Antes de seguirmos com os exemplos apresentados por Dawkins, eu gostaria de discorrer um pouco mais sobre essa suposta propensão de crença insuspeita a que fomos selecionados naturalmente. Voltemos ao tema cultura, me parece evidente que a

nossa capacidade cultural, isto é, a capacidade de transmitir os nossos conhecimentos adquiridos para gerações futuras em formas de tradições, filosofias, ciências e religiões depende diretamente dessa pré-condição sugerida por Dawkins. Parece haver uma ligação direta entre a nossa propensão em crenças e o nosso comportamento cultural. Tal fenômeno cultural de transmissão de conhecimento só é eficiente diante de um sistema que aproveita ao máximo cada valor transmitido, permitindo irrelevantes mudanças ou tão lentas que tornam-se pouco impactantes a curto prazo. Essa conclusão reforça a minha própria percepção de que a humanidade ao longo de toda a sua trajetória não sofreu quase nenhuma mudança significativa na sua estrutura cognitiva e conseqüentemente em sua interação com o mundo. Fenômenos naturais ou antropológicos parecem preservar-se tal como surgiram e estes segundos modificam-se apenas superficialmente dependendo das demandas a que é sujeito. Basta o exemplo do pensamento mágico em tribos primitivas<sup>16</sup> e a sua correlação estrutural com a crença em fenômenos religiosos modernos ou a crença em teorias conspiratórias. Se houver alguma mudança, possivelmente ocorreu no aspecto estético de cada uma, as estruturas argumentativas e as justificativas psicológicas e biológicas apontam para as mesmas causas. Um trovão sempre foi o mesmo fenômeno, o que mudou foi a forma como nos referimos a ele. Alguns dos nossos ancestrais atribuíam às divindades o som e a luz gerada por este fenômeno, a meteorologia de hoje nos dá uma explicação científica para tal fenômeno, ambas as interpretações embora distintas conceitualmente, apontam para um mesmo fenômeno, o que muda é o caráter estético de cada demanda, o fenômeno natural em si, continua inabalável. A crença em divindades ou em ensinamentos básicos sobre agricultura são diferentes em “demanda e estética”, mas estruturalmente se correspondem quase que perfeitamente, pois dependem da mesma estrutura para funcionarem.

Partindo para o campo da psicologia evolucionista, Dawkins apresenta alguns argumentos de especialistas nesta área que de alguma forma corroboram com a tese de que a religião é o subproduto de alguma coisa. Segundo ele, uma tese consistente é

---

<sup>16</sup> “Mas, entre 1890 e 1910, na terceira fase do seu pensamento, Frazer desenvolveu novas idéias sobre a maneira pela qual o pensamento mágico funcionava e como se enquadrava na psicologia moderna. Argumentou, basicamente, que o estágio mais remoto da evolução filosófica era mágico, o segundo, religioso, e o terceiro, científico”. (Frazer, 1982, p.28)

a apresentada por Paul Bloom, a ideia de que somos seres naturalmente inclinados a um dualismo psicológico:

O psicólogo Paul Bloom, outro defensor da “religião como subproduto”, ressalta que as crianças têm uma tendência natural para uma teoria dualista da mente. A religião, para ele, é um subproduto desse dualismo instintivo. Nós, seres humanos, sugere ele, especialmente as crianças, somos dualistas por natureza. (Dawkins, 2006, p.237)

Este suposto dualismo psicológico pode servir de base para a constatação de que somos evolutivamente propensos a determinados tipos de crenças, neste caso, as crenças dualistas. Será, portanto, que a maior parte das doutrinas filosóficas antigas que tiveram alguma relevância mantiveram esse padrão de dualidade? A premissa não parece totalmente verdadeira, visto que vários filósofos desenvolveram as suas teorias sobre a realidade a partir de princípios monistas<sup>17</sup>, sendo possíveis inclusive teorias materialistas como a dos atomistas Demócrito e Epicuro, por exemplo. Embora seja possível apontar a variedade de sistemas filosóficos que se fundaram em estruturas dualistas como o platonismo, aristotelismo, cartesianismo, kantismo, entre outros.

Outra característica comum a todos os sistemas mencionados é a sua estrutura Teleológica, isto é, todo sistema aponta para uma conclusão, uma finalidade. Mesmo que esta finalidade seja justamente o ponto de retorno cíclico, como na dialética hegeliana. Esta seria, portanto, outra predisposição natural nossa, uma necessidade de entender a dinâmica do mundo através de uma cadeia causal? Podemos afirmar que somos evolutivamente adaptados para interpretar o mundo por uma perspectiva causal e que desta forma toda tentativa de fuga desse padrão nos é intuitivamente incômoda? Temos uma estrutura psicológica adaptada para crermos em criacionismos? Esta seria uma afirmação satisfatória que compreende as diversas manifestações religiosas presentes em civilizações humanas distintas de época e de limites territoriais. Afirmar que é uma característica inata da espécie humana a predisposição em crenças criacionistas, poderia encerrar de fato todos os mistérios em torno das diversas tradições criacionistas relatadas por alguns antropólogos e cientistas das religiões.

---

<sup>17</sup> “Os pré-socráticos são, por vezes, chamados de Monistas, significando que eles procuravam isolar uma coisa, normalmente um dos elementos (terra, ar, fogo e água) como o elemento básico ao qual a realidade poderia ser reduzida”.(Mannion, 2010, p.20)

Todavia, simplesmente tomar esta afirmação como verdadeira não pode ser aceitável para uma investigação comprometida com evidências, tal qual sugere o tema desta seção. Darwinistas não se conformariam com uma afirmação sem evidências concretas. “Porque a seleção natural pode ter favorecido o dualismo e a teleologia no cérebro de nossos ancestrais e de seus filhos”?<sup>18</sup>

Para que faça sentido, a existência dessa predisposição em crenças criacionistas deve apresentar empiricamente alguma vantagem real no processo evolutivo, em outras palavras, é preciso que essa predisposição tenha sido selecionada com um fim vantajoso para a nossa espécie. Para Dawkins, prever o comportamento de entidades em nosso mundo é essencial para a nossa sobrevivência. A capacidade de prever o ataque de uma fera, ou a presença de uma toxina em uma planta, é indiscutivelmente vantajoso para a sobrevivência da espécie. Mas, em que ponto o dualismo e a teleologia podem nos ser úteis? Dawkins sugere que recorramos ao que Daniel Dennett chamou de “postura intencional”.

Dennett oferece uma classificação tripla útil para as “posturas” que adotamos quando tentamos entender e portanto prever o comportamento de entidades como animais, máquinas ou uns aos outros. São elas a postura física, a postura de projeto e a postura intencional. A postura física sempre funciona em tese, porque tudo acaba obedecendo às leis da física. (...) Para um objeto que realmente tenha sido projetado, como uma máquina de lavar roupas ou um arco para lançar flechas, a postura de projeto é um atalho econômico. Podemos adivinhar como o objeto vai se comportar passando por cima da física e apelando diretamente ao design. (Dawkins, 2006, p. 240)

A nossa predisposição faz-nos “assimilar os animais” e a natureza como sendo projetados, mesmo que assumamos posturas céticas em relação a qualquer narrativa criacionista, ainda assim, por força de nossa estrutura psicológica tendemos a enxergar uma relação causal entre os eventos que observamos, por esta não é incomum referimo-nos a animais como sendo projetados para aquela ou essa finalidade. Essa nossa postura em relação aos animais é a mesma em relação às máquinas. Para Feuerbach, o homem é limitado a enxergar a natureza como uma máquina e por isso não consegue conceber um movimento sem uma causa:

---

<sup>18</sup> Dawkins, 2006, p.239.



O homem racional limitado se choca com a existência do mundo originalmente autônoma porque ele só a considera sob o ponto de vista subjetivo-prático, só em sua generalidade, só como uma máquina, não em sua majestade e imponência, não como cosmos. Por isso ele se choca com o mundo. O choque sacode o seu cérebro - e nesta sacudida ele objetiva então para fora de si o próprio choque como o choque original que lançou o mundo na existência, a ponto dele continuar eternamente o seu curso como a matéria posta em movimento através do choque matemático, i.e., ele concebe uma origem mecânica. Uma máquina deve ter um início, isto já reside em seu conceito, pois não tem em si a fonte do movimento. (Feuerbach, 2022, p.243)

Descartes faz essa correlação em *O discurso do Método* (1637), para ele, animais e máquinas compartilham a mesma estrutura, exceto pelo fato de serem uma orgânica e outra sintética.

É também cousa digna de reparo que, embora existam muitos animais que demonstram mais habilidades que nós em algumas de suas ações, nota-se contudo que os mesmos não a revelam em muitas outras. De modo que o que fazem de melhor que nós não prova que possuem espírito, porque, nestas condições, teriam mais do que qualquer de nós e fariam sempre melhor do que nós em todas as cousas. Mas isso é antes prova de que eles não possuem razão e que é a natureza que neles age, de acordo com a disposição de seus órgãos, do mesmo modo que um relógio, composto apenas de rodas e molas, pode contar as horas e medir o tempo mais exatamente do que nós com toda a nossa prudência. (Descartes, 2011, p.70)

Para Dawkins, “a postura intencional é outro atalho, e dá um passo além da postura de projeto”.

Assume-se que uma entidade não foi só projetada para um fim mas que também é, ou contém, um agente com intenções que orientam suas ações. Quando você vê um tigre, é melhor não demorar muito para prever o provável comportamento dele. (...) O meio mais rápido de adivinhar o comportamento dele é esquecer a física e a fisiologia e passar à busca pela intenção. Note que, assim como a postura de projeto funciona mesmo para coisas que não foram realmente projetadas, assim como para as que foram, a postura intencional funciona para coisas que não têm intenções conscientes deliberadas, assim como para as que têm. (Dawkins, 2006, p.241)

Para mim, parece evidente que essas três posturas nos proporcionam vantagens de sobrevivência. Mas, será que ficou clara essa relação direta com o dualismo e a teleologia? Recorramos novamente a um exemplo já citado, o do trovão. A nossa postura física diante deste fenômeno pode ser entendida com base em uma relação causal da luz e do som com os nossos sentidos? A nossa postura de projeto com o mesmo evento pode ser entendida como uma relação causal entre as suas manifestações estéticas e a tempestade que pode vir a cair? A nossa postura intencional em relação ao trovão pode ser entendida como uma relação causal entre a chance de sermos atingidos por um raio após as primeiras manifestações do fenômeno? Suponho que sim em todos os casos. Quanto à postura física, se não tivéssemos a capacidade de assimilar culturalmente a cadeia de eventos observada continuamente por nossos ancestrais, poderíamos ser pegos de surpresa por uma tempestade ou fatalmente por um raio, ou por uma enchente súbita. Por isso, assimilamos os potenciais danos que esses sinais podem eventualmente nos causar e recolhemos nossos corpos desesperados em busca de abrigos. Quanto a postura de projeto, da mesma forma como absorvemos os ensinamentos sobre as possíveis causas de sermos vítimas em potencial de eventos causalmente ligados aos primeiros sinais de uma tempestade, assim é a forma como entendemos a sequência de eventos e passamos a atribuir novas correlações como às nuvens escuras, à rajadas de vento, à migração dos pássaros. David Hume sustenta que essa nossa forma de enxergar a natureza, essas nossas *impressões* sobre o mundo, são explicadas pelo que ele chama de *hábitos*.<sup>19</sup> No terceiro caso, a postura intencional não é incomum que os seres humanos em geral atribuem características antropomórficas como maldade, bondade e raciocínio a máquinas, animais e eventos da natureza. Com toda certeza você já deve ter se deparado com situações onde alguém atribuiu a um cão a intenção de causar um mal, ou a um amuleto a intenção de causar sorte, ou mesmo a uma tempestade de causar mortes. neste último exemplo, a intenção por trás das tempestade, muitas vezes

---

<sup>19</sup> “Esse princípio é o hábito ou costume. Pois sempre que a repetição de algum ato ou operação particulares produz uma propensão a realizar novamente esse mesmo ato ou operação, sem que se esteja sendo impelido por nenhum raciocínio ou processo do entendimento, dizemos invariavelmente que essa propensão é o efeito do hábito. Não pretendemos ter fornecido, com o emprego dessa palavra, a razão última de uma tal propensão; apenas apontamos um princípio universalmente reconhecido da natureza humana, e que é bem conhecido pelos seus efeitos”.(Hume, 2004, p.74)

é atribuída a um ser pessoal que escolhe ou não causar danos como nas frequentes narrativas sobre dilúvios e etc.<sup>20</sup> Essa postura intencional nos induz a procurar sentido em tudo que vivenciamos, nos direcionando quase sempre a explicações fantásticas. Deste modo, explicações que abandonem uma narrativa teleológica não costumam fazer sentido, em outras palavras, são contra-intuitivas enquanto as explicações mitológicas que buscam sempre atribuir alguma finalidade, seja moral, seja divina correspondem a esta nossa tendência de forma natural.

É possível encontrar semelhanças entre o comportamento de um crente e o comportamento de um indivíduo apaixonado. Ambos enxergam em seu objeto de desejo características que a maioria das pessoas não conseguem ver. Para um apaixonado assim como para um crente o seu objeto está acima de qualquer crítica, pois preserva aquilo a que ele mesmo chama de perfeição. Muitos poetas se valem de hipérboles em suas obras para se referirem a pessoa amada: ultra-românticos como Álvares de Azevedo chegavam ao ponto de relacionar a sua vontade de viver com a existência da mulher idealizada. Assim é muito comum que as pessoas atribuam a razão de suas vidas ao objeto religioso. Todas essas semelhanças não se reduzem apenas ao comportamento de ambos, mas aos estados químicos de seus cérebros, assim como a vantagens na seleção natural. Segundo Dawkins,

Helen Fisher e outros especialistas mostram que estar apaixonado vem acompanhado de estados singulares do cérebro, incluindo a presença de compostos químicos ativos no sistema nervoso (na prática drogas naturais) que são altamente específicos e característicos do estado. (Dawkins, 2006, p.244)

Essa nossa forma de relacionar-se monogamicamente, parece ter sido selecionada para que pudéssemos garantir que a nossa prole fosse cuidada por ambos até alcançar a independência, garantindo uma maior chance de propagação dos nossos genes.

---

<sup>20</sup> "Eis que vou trazer águas sobre a terra, o Dilúvio, para destruir debaixo do céu toda criatura que tem fôlego de vida. Tudo o que há na terra perecerá". (Gênesis 6:17)

Poderia a religião ser um subproduto dos mecanismos de irracionalidade que foram originalmente colocados no cérebro pela seleção para o ato da paixão? A fé religiosa certamente possui em partes o mesmo caráter da paixão (e ambas têm muitos dos atributos de estar sob o efeito de uma droga viciante). O neuropsiquiatra John Smythies adverte que existem diferenças significativas entre as áreas do cérebro ativadas pelos dois tipos de mania. (Dawkins, 2006, p.245)

A fé religiosa certamente apresenta algumas diferenças em relação à prática do “amor sexual”, reforços positivos e a perda do medo da morte são bons exemplos. Todavia, para além das diferenças, a analogia entre estar apaixonado e estar devotado a uma fé é justa e coerente. O que implica na indagação se é neste viés que a religião se apresenta como um subproduto de outra coisa que nos favorece enquanto espécie.

Para defender seu ponto de vista, Dawkins sugere que partamos para uma abordagem antropológica segundo o qual a diversidade de fenômenos religiosos nos permite uma analogia com os mecanismos de seleção natural. Esta diversidade guarda muitas semelhanças entre si e que podem ser devidamente comparadas à chamada *deriva genética*. Este termo biológico refere-se a possibilidade de um gene “se espalhar em uma população não por ser um gene bom, mas simplesmente por ser um gene sortudo”.<sup>21</sup> Do mesmo modo, alguns tipos de crenças podem ter sido selecionadas em todas as religiões por apresentarem compatibilidade com algumas estruturas psicológicas preexistentes.

Acredito que as religiões, assim como as línguas, evoluem com a dose certa de aleatoriedade, a partir de um início arbitrário o bastante para gerar a incrível - e às vezes perigosa - riqueza na diversidade que observamos. Ao mesmo tempo, é possível que uma forma de seleção natural, associadas à uniformidade fundamental da psicologia humana, garanta que religiões diversas tenham características significativas em comum. (Dawkins, 2006, p.251)

Outra analogia possível é a das religiões com organismos que desenvolvem meios de defesa para garantir sua sobrevivência, no caso das religiões estas parecem preservar em suas estruturas vários meios de reafirmar suas bases ideológicas, o que para

---

<sup>21</sup> Dawkins, 2006, p.249

Dawkins gera as inúmeras questões sobre a natureza desses “ajustes”, se pela intervenção de um design inteligente ou por meio da seleção natural. Segundo Dawkins os líderes religiosos podem através de ajustes nos discursos viabilizar a sobrevivência da religião. Um bom exemplo dessa atitude advinda dos líderes religiosos é encontrado na dicotomia entre razão e fé presente na doutrina luterana:

Martinho Lutero sabia bem que a razão é a arqui-inimiga da religião, e frequentemente advertia sobre seus perigos: “A razão é o maior inimigo que a fé possui; ela nunca aparece para contribuir com as coisas espirituais, mas com frequência entra em confronto com a Palavras divina, tratando com desdém tudo o que emana de Deus”. De novo: “Quem quiser ser cristão deve arrancar os olhos da razão”. E de novo: “A razão deve ser destruída em todos os cristão”. (Dawkins, 2006, p.251)

Outra hipótese sugerida por Dawkins é a da propagação das práticas religiosas através dos “memes”. A teoria dos memes ou teoria memética foi cunhada por Dawkins em sua obra *O Gene Egoísta* de 1976 e refere-se ao princípio de se tratar os humanos não apenas como produtos de uma evolução biológica, mas levando em conta a evolução cultural também. Deste modo, os memes são uma analogia aos genes. Assim como os genes carregam características que são transmitidas de geração em geração, os memes atuam desta mesma forma, mas nos aspectos comportamentais. Os memes são fundamentais para que possamos transmitir nossos costumes e estruturar as sociedades, são a forma como a cultura se estrutura. Dawkins vai ainda ilustrar a semelhança estrutural dos “cartéis de genes” e dos “memeplexos”, ambos funcionam como redes integradas onde cada meme ou gene quando isolado não apresenta força para manter-se atuante no organismo, mas quando envolvidos em um sistema que os favorece, estes conduzem as suas informações de forma precisa e segura.<sup>22</sup>

O que Dawkins insiste é que a evolução humana não se reduz aos níveis biológicos, mas é envolvida por aspectos culturais próprios do animal humano. Sendo assim, as práticas religiosas embora possam preservar algumas justificativas no argumento biológico, isto é, nas variáveis selecionadas biologicamente como

---

<sup>22</sup> Ver Dawkins, 2006, p. 260-262

predisposição e estrutura psicológica, estas devem e muito às estruturas culturais para a sua sobrevivência.

Algumas ideias religiosas , assim como alguns genes, podem sobreviver devido ao mérito absoluto. Esses memes sobreviveriam em qualquer universo memético, independentemente dos outros memes que os cercassem. (Devo repetir o ponto vitalmente importante de que “mérito” nesse sentido significa apenas “capacidade de sobreviver no universo”. Não carrega nenhum outro juízo de valor.) Algumas ideias religiosas sobrevivem porque são compatíveis com outros memes que já são numerosos no universo de memes - como parte de um memplexo. (Dawkins, 2006, p.262-263)

Os signos religiosos se mostram compatíveis com os signos que apelam para a nossa sobrevivência, as necessidades humanas mais básicas quase sempre servem de reforçador para os argumentos religiosos, assim é com o nosso desejo irracional de sobrevivência; a nossa negação da finitude; a nossa necessidade de se alimentar para sobreviver; a nossa necessidade de reproduzir e propagar nossos genes. Cada qual é passível de um reforço positivo de natureza religiosa. Os genes buscam a “imortalidade” através de sua propagação, a religião nos oferece a imortalidade através da fé.

## 1.2 A estrutura conceitual das religiões - As origens antropológicas e históricas das Religiões

O “homem” sempre procurou por respostas olhando para o céu, para a terra e até mesmo para dentro de si. Talvez, o olhar nu, o andar sem muletas<sup>23</sup> ou a inserção completa na natureza de nossa existência, seja demais para a maioria de nós. A conclusão da finitude é angustiante, a crença em nada parece ser mais absurda do que a crença em algo ou alguém. Ter a si próprio como medida para todas as demais coisas, como nos adverte Protágoras, o sofista<sup>24</sup>, não parece ser um bom negócio, visto que nossa essência preserva características necessariamente complexas.<sup>25</sup> Qual a natureza então dessa nossa mania de Religião, nossa necessidade metafísica?<sup>26</sup> O que faz com que em qualquer contexto histórico, até então, as organizações humanas, sejam em sociedades de classes, estamentos, castas ou mesmo em comunas, ocorram o fenômeno da religião?<sup>27</sup> O medo da morte é o principal combustível desse fenômeno? Será que “(...) somente o túmulo dos homens é o berço dos deuses.”? (Feuerbach, 2009, p. 47)

Segundo Harari, podemos definir a religião como sendo “um sistema de normas e valores humanos que se baseia na crença e numa ordem sobre-humana”<sup>28</sup>. Potencialmente as religiões possuem uma capacidade de influenciar ordens políticas e sociais, todavia, apenas algumas exercem esse poder, em geral, religiões que se caracterizam por seu caráter universal e missionário como as religiões abraâmicas.

<sup>23</sup> Segundo Nietzsche, a humanidade deve abandonar as suas “muletas metafísicas”, isto é, deve rejeitar qualquer tipo de pensamento transcendente, tais como as religiões ou mesmo filosofias idealistas como a do mundo das ideias de Platão, ou mesmo os ideais Comunistas. Segundo Nietzsche em *O Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com o martelo de 1889, capítulo 3, parte 6, §4 Terceira tese*: “Não há sentido algum em fabular acerca de um “outro” mundo além deste...”

<sup>24</sup> “A principal implicação de “O homem é a medida de todas as coisas” é que a crença é subjetiva e relativa. Isso levou Protágoras a rejeitar a existência de definições absolutas de verdade, justiça ou virtude.” (DK Londres, 2011. Pg 43)

<sup>25</sup> Refiro-me às complexidades evidentes no que diz respeito às relações humanas com o mundo, tais como as diversas áreas do conhecimento e as variáveis no que diz respeito aos comportamentos humanos em vários períodos históricos, ambientes e contextos variáveis.

<sup>26</sup> Na antológica obra: *O mundo como vontade e representação Tomo II*, Schopenhauer dedica o capítulo XVII ao que ele denomina como a necessidade metafísica da humanidade.

<sup>27</sup> “Toda cultura ou civilização, sem exceção, desenvolveu um sistema religioso, fosse ele mais elementar, como as religiões dos povos nativos da América e da Oceania, fosse mais complexo, como as religiões abraâmicas (derivadas do patriarca Abraão) médio-orientais: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.” Veja mais sobre “Religião” em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao>

<sup>28</sup> Harari, 2018, p..218

Harari afirma que apesar de todo o histórico negativo que a maior parte das religiões carregam, é inegável que também carregam o aspecto positivo da unificação de povos e de sociedades complexas. Mas será mesmo que os impactos da religião na história da humanidade podem ao fim de um cálculo utilitarista serem considerados benéficos?

Nem todas as religiões pretendem ser universais, segundo Harari “as religiões universais e missionárias só começam a aparecer no primeiro milênio a. C”.<sup>29</sup> A maior parte das religiões conhecidas não tinham interesse na conversão da humanidade, mantinham seus rituais e crenças restritos à própria comunidade. Dentre alguns tipos de crenças comuns, o *animismo* foi muito destacado em religiões antigas, este termo comumente usado por antropólogos refere-se à atribuição de alma/vida (*animus*) a entidades não humanas. Tomemos como exemplo o culto das árvores abordado por Frazer:

Entre os celtas, o culto do carvalho pelos druidas é conhecido de todos, e a palavra antiga que usavam para santuário parece ser idêntica, na sua origem, ao latim *nemus* ("bosque") que ainda sobrevive no nome de Nemi. Em Uppsala, a velha capital religiosa da Suécia, havia um bosque sagrado em que todas as árvores eram consideradas divinas. Os eslavos pagãos cultuavam árvores e bosques. Os lituanos só se converteram ao cristianismo em fins do século XIV, e, até a data de sua conversão, o culto das árvores tinha lugar destacado entre eles. Alguns lituanos reverenciavam os carvalhos notáveis e outras árvores de grande copa, das quais recebiam respostas oraculares. Outros mantinham bosques sagrados próximo de suas aldeias ou de suas casas, onde até mesmo quebrar um galho teria sido um pecado. Provas da existência generalizada do culto à árvore na Grécia e na Itália antigas são numerosas. No santuário de Esculápio em Cós, por exemplo, era proibido cortar os ciprestes, sob pena de uma multa de mil dracmas. Mas talvez em nenhuma outra parte do mundo antigo essa forma milenar de religião tenha sido melhor preservada do que no próprio coração da grande metrópole. No Fórum, o agitado centro da vida romana, a figueira sagrada de Rômulo era adorada até os dias do império, e, quando seu tronco murchou, a consternação espalhou-se pela cidade. (Frazer, 1982, p.143-144)

Quando esse sistema de crença era dominante, todas as estruturas sociais levavam em conta normas que privilegiavam além dos homens, os animais, as plantas,

---

<sup>29</sup> Harari, 2018, p.219



os rios, os bosques e assim por diante. Além de considerar entidades sobrenaturais como fadas, gnomos, fantasmas e etc. O homem não recebia qualquer posição privilegiada nessas sociedades, era entendido como parte de um sistema onde tudo importava.

(...) um bando de caçadores-coletores no vale do Ganges pode ter estabelecido uma lei proibindo as pessoas de cortarem uma figueira particularmente grande, para evitar que o espírito da figueira ficasse furioso e se vingasse. Outro bando de caçadores-coletores vivendo no vale do Indo pode ter proibido as pessoas de caçar raposas de cauda branca, porque uma raposa de cauda branca certa vez revelou a uma velha sábia onde o bando poderia encontrar obsidiana preciosa. (Harari, 2018, p. 219)

Mas, o que fez com que os grupos de *Homo Sapiens* passassem a tratar os animais e as plantas como propriedades? Onde se encontra a linha tênue que separa o homem da natureza e transforma-o em senhor dominador dos recursos naturais? Segundo Harari, a Revolução Agrícola é a potencial responsável por essa mudança de cosmovisão:

A revolução Agrícola parece ter sido acompanhada de uma revolução religiosa. Os caçadores-coletores caçavam animais selvagens e coletavam plantas silvestres, que podiam ser vistos como iguais em status ao *Homo Sapiens*. O fato de que os homens caçavam ovelhas não tornava as ovelhas inferiores aos homens, assim como o fato de que os tigres caçavam homens não tornava os homens inferiores aos tigres. Os seres se comunicavam diretamente uns com os outros e negociavam as regras que governavam o habitat por eles partilhado. Já os agricultores possuíam e manipulavam plantas e animais e dificilmente se rebaixavam ao negociar suas posses. Portanto, o primeiro efeito religioso da Revolução Agrícola foi transformar as plantas e os animais de membros iguais de uma mesa-redonda espiritual em propriedade. (Harari, 2018, p.219-220)

Diante do rebaixamento da natureza, muito provavelmente o homem passou a enxergar as suas limitações em relação a ela. Por mais que pudesse exercer o seu domínio sobre alguns animais como ovelhas, esse domínio se via limitado por eventos como pestes, ataques de outros animais e eventos extremos como tempestades e queimadas. Ao reduzir os animais e as plantas ao status de propriedade, a manutenção dessa propriedade passou a ser um problema que se tornou prioridade para os

agricultores. Neste ponto podemos ao menos atribuir uma resposta ao “motivo da mudança” indagada por Rousseau: “O homem nasceu livre e em toda parte é posto a ferros (...) Como se produziu essa mudança? Ignoro”.<sup>30</sup>

Segundo Harari, uma possível justificativa para o surgimento de deuses antropomórficos seria a tentativa de resolução desses problemas:

Uma teoria bastante aceita sobre a origem dos deuses afirma que estes ganharam importância porque ofereciam uma solução para tal problema. Deuses como a deusa da fertilidade, o deus do céu e o deus da medicina se tornaram protagonistas quando plantas e animais perderam sua capacidade de falar, e a principal função dos deuses era fazer a mediação entre os humanos e as plantas e os animais calados. Grande parte da mitologia antiga é, na verdade, um contrato em que os humanos prometem a devoção eterna aos deuses em troca do domínio das plantas e animais - os primeiros capítulos do livro do Gênesis são um exemplo excelente. (Harari, 2018, p.220)

Com todo este terreno preparado, surgem as primeiras religiões politeístas, onde o mundo é agora entendido pelo homem como um sistema controlado por deuses poderosos, onde cada evento da natureza correspondia a uma divindade. Os humanos por sua vez deveriam rogar a esses deuses todas as vezes que não pudessem exercer o seu domínio sobre a natureza, desenvolvendo a partir daí os rituais de sacrifício, a construção de templos e as festas em devoção aos deuses. Desta forma, o homem se “pôs a ferros” voluntariamente. Escolheu a devoção de forma voluntária em detrimento de um status de igualdade com os outros seres da natureza. Qual a razão dessa servidão voluntária? Quais os benefícios dessa mudança do *status quo* para o *Homo Sapiens*?

Mas o maior impacto da ascensão dos grandes deuses não foi sobre ovelhas ou demônios, e sim sobre o status do *Homo Sapiens*. Os animistas acreditavam que os humanos fossem apenas uma das muitas criaturas que habitam o mundo. Os politeístas, por outro lado, cada vez mais viam o mundo como um reflexo da relação entre deuses e humanos. (...) O politeísmo, portanto, exaltava não só o status dos deuses como também o da humanidade. Os membros menos afortunados do velho sistema animista perderam sua estrutura e se

---

<sup>30</sup> Rousseau, 2010, p.23

tornaram figurantes ou objetos de cena silenciosos no grande drama da relação do homem com os deuses. (Harari, 2018, p.221)

Foi preferível ao homem elevar-se diante dos animais e plantas e rebaixar-se diante dos deuses. Precisamos considerar que o politeísmo naturalmente implica em uma tolerância religiosa muito maior que os monoteísmos, por exemplo. A ideia básica de que o mundo é regido e governado por diversas divindades possibilita uma convivência menos problemática entre várias culturas. Enquanto as civilizações animistas não se propunham a converter outros povos e assim impor a sua cosmovisão, as sociedades politeístas também não ofereciam grande resistência à possibilidade da existência de outros deuses. Não se buscava a exclusividade do discurso, logo, dificilmente as guerras eram motivadas por causas religiosas. sobre a diferença entre religiões monoteístas e politeístas Feuerbach afirma:

A diferença entre o politeísmo e o monoteísmo é apenas a diferença entre as espécies e o gênero. Espécies existem muitas, mas o gênero é apenas um, porque é nele que as diversas espécies se identificam. Assim, existem diversas espécies humanas, raças, estirpes ou como se quiser chamar, mas pertencem todas a um gênero, ao gênero humano. O politeísmo só existe onde o homem ainda não se elevou acima do conceito de espécie humana, onde somente reconhece o homem de sua espécie como seu semelhante de igual direito e igual capacidade. Mas no conceito de espécie está a multiplicidade, logo existem muitos deuses onde o homem faz da essência da espécie uma essência absoluta. O monoteísmo porém atinge o homem no momento em que ele se eleva ao conceito de gênero, no qual todos os homens se igualam, onde desaparecem suas diferenças de espécie, estirpe e nacionalidade. A diferença entre o deus uno ou, o que dá na mesma, entre o deus geral dos monoteístas e os deuses múltiplos ou nacionais, especiais, dos pagãos ou politeístas é apenas a diferença entre os homens múltiplos ou diversos e o homem em si ou no gênero, no qual todo é uno. (Feuerbach, 2009, p.30-31)

A interação entre as diferentes civilizações como a dos antigos helenos e os povos egípcios e mesmo os romanos, não proporcionou uma destruição cultural em detrimento de outra, mas resultou em diversos sincretismos. Os deuses não justificaram tais práticas.

A ideia fundamental do politeísmo, que o distingue do monoteísmo, é que o poder supremo que governa o mundo é destituído de interesses e inclinações e, portanto, não está preocupado com os anseios, os cuidados e os desejos mundanos dos humanos. Não faz sentido pedir a esse poder a vitória na guerra, a saúde ou a chuva, porque de sua perspectiva universal não faz diferença se o reino específico ganha ou perde, se uma cidade específica prospera ou definha, se uma pessoa específica se recupera ou morre. Os gregos não desperdiçaram sacrifícios com o Destino, e os hindus não construíam templos para Atman. (Harari, 2018, p.222)

Mesmo quando conquistaram impérios gigantescos, os politeístas não tentaram converter seus súditos. Os egípcios, os romanos e os astecas não enviaram missionários a terras estrangeiras para disseminar o culto a Osíris, Júpiter ou Huitzilopochtli (o principal deus asteca) e certamente não mandaram exércitos com esse propósito. Esperava-se que os súditos em todo o império respeitassem os deuses e os rituais do império (...) Mas não se exigia que eles abdicassem de seus deuses e rituais locais. (...) Em muitos casos, a própria elite imperial adotava os deuses e os rituais dos súditos. Os romanos incluíram de bom grado a deusa asiática Cibele e a deusa egípcia Ísis em seu panteão. (Harari, 2018, p.223)

A grande perseguição aos cristãos na Roma Antiga se deu principalmente devido a recusa dos seguidores de Cristo em respeitar os deuses do panteão romano. Esta atitude foi considerada subversiva pelo Império, pois infringiu um princípio básico da cultura local, o que configurou uma falta de lealdade política para com o Imperador. Não podemos deixar de destacar que o cristianismo já apresenta desde o seu nascimento um viés autoritário e intolerante e, essa intolerância é presente inclusive entre as próprias variantes do cristianismo ao longo dos séculos. Católicos e protestantes travaram várias guerras sangrentas pela Europa.<sup>31</sup>

David Hume na obra *The Natural History of Religion (História Natural da Religião)*, publicada pela primeira vez em 1757, apresenta uma investigação sobre a origem e a natureza das religiões. Hume compara a atuação das religiões politeístas com as monoteístas no que diz respeito à intolerância e a perseguição praticada por seus adeptos. Afirma Hume:

Quando se admite um único objeto de devoção, a adoração de outras divindades é considerada absurda e ímpia. Mais ainda: essa unidade de objeto parece exigir naturalmente a unidade de fé e de cerimônias, e

---

<sup>31</sup> Ver Harari, 2018, p.224

proporciona aos homens astuciosos um falso pretexto, que lhes permite retratar seus adversários como ímpios e como objetos da vingança divina, assim como da humana. Pois como cada seita está convencida de que sua própria fé e seu próprio culto são totalmente agradáveis à divindade, e como ninguém pode conceber que o mesmo ser deva comprazer-se com ritos e preceitos diferentes e opostos, as diversas seitas acabam naturalmente em animosidade e descarregam umas contra as outras aquele zelo e rancor sagrados, que constituem as mais furiosas e implacáveis de todas as paixões humanas. (Hume, 2005, p.76)

Ainda sobre a forma de dominação dos povos politeístas em contraponto aos métodos monoteístas Hume afirma:

Os ROMANOS adotavam comumente os deuses dos povos conquistados e nunca discutiam sobre os atributos das divindades locais e nacionais nos territórios que eles ocupavam. As guerras e perseguições religiosas dos idólatras EGÍPCIOS constituem, na verdade, uma exceção a essa regra, mas são explicadas pelos autores antigos a partir de razões singulares e notáveis. Diversas espécies de animais formaram as divindades das diferentes seitas entre os EGÍPCIOS, e essas divindades, estando em guerra contínua, envolviam seus adeptos na mesma controvérsia. Os adoradores de cães não podiam permanecer muito tempo em paz com os adoradores de gatos ou de lobos. Mas onde essa razão não entrava em jogo, a superstição EGÍPCIA não se mostrava tão incompatível como comumente se imagina, pois sabemos, por meio de HERÓDOTO que AMASIS contribuiu muito para reconstruir o templo de DELFOS. (Hume, 2005, p.77)

A primeira religião monoteísta que se tem notícia surgiu no Antigo Egito por volta de 1350 a.C.: o culto ao deus Aton, instituído pelo faraó Aquenáton. Porém, tal culto só durou até a morte de Aquenáton, sendo retomada a antiga prática politeísta.<sup>32</sup> O judaísmo surge como uma religião monotéista, porém local. Toda a tradição judaica afirma que o deus supremo tem interesses e inclinações voltados exclusivamente para o povo de Israel, fomentando o sentimento de exclusividade de um povo que se enxerga como “escolhido”. A partir de uma seita judaica surge então o cristianismo com seu viés missionário e universal:

O grande avanço veio com o cristianismo. Essa fé começou como uma seita judaica esotérica que procurava convencer os judeus de que Jesus de Nazaré era seu tão esperado messias. No entanto, um dos primeiros

---

<sup>32</sup> Ver Harari, 2018, p.225, §2

líderes da seita, Paulo de Tarso, ponderou que, se o poder supremo do universo tem interesses e inclinações, e se Ele se deu ao trabalho de encarnar e morrer na cruz para a salvação da humanidade, então isso é algo que deve ser comunicado a todos, e não só aos judeus. Portanto, era necessário difundir a boa palavra - o evangelho - sobre Jesus para o mundo inteiro. (Harai, 2018, p.225)

À medida em que vai se desenvolvendo, o cristianismo vai tomando força através do esforço de seus fiéis em converter mais e mais adeptos o cristianismo chegou a dominar o poderoso Império Romano. A partir dessa conquista, todas as estratégias de guerra e dominação desenvolvidas ao longo da construção do Império seriam empregadas para o propósito cristão.

No começo do século I, quase não havia monoteístas no mundo. Por volta do ano 500, um dos maiores impérios do mundo - o império romano - era um regime cristão, e os missionários estavam ocupados difundindo o cristianismo para outras partes da Europa, da Ásia e da África. No fim do primeiro milênio da era cristã, a maioria das pessoas na Europa, no oeste da Ásia e na África do Norte eram monoteístas, e impérios do oceano Atlântico ao Himalaia afirmavam ser ordenados pelo único grande Deus. No início do século XVI, o monoteísmo dominou a maior parte da Afro-Ásia, com exceção do leste da Ásia e de partes do sul da África, e começou a estender seus tentáculos para a África do Sul, a América e a Oceania. Hoje, a maioria das pessoas fora do leste da Ásia segue alguma religião monoteísta, e a ordem política global foi erguida sobre bases monoteístas. (Harari, 2018, p.226)

Uma característica forte das crenças monoteístas é o seu grau elevado de fanatismo e de intolerância, visto que ao considerar que todo poder se concentra em um único deus, a possibilidade da existência de outros seres de igual importância é totalmente desprezada. Desta forma, para que todo o evangelho chegasse aos quatro cantos do mundo: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura.”<sup>33</sup>, as lideranças cristãs não mediram esforços para alcançar seus objetivos. Para isso, foi preciso suprimir qualquer outra crença, pois para o cristão, Jesus é a verdade e, o único caminho<sup>34</sup>, logo não há espaço para nenhuma outra fé. “A teologia monoteísta tende a

---

<sup>33</sup> Marcos 16:15

<sup>34</sup> “Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao pai, a não ser por mim.” João 14:16

negar a existência de todos os deuses exceto o deus supremo e a condenar ao fogo do inferno, qualquer um que ouse cultuá-los”.<sup>35</sup>

Todavia, se tratando de cristianismo, essa religião também possui uma característica muito peculiar, o evidente sincretismo. Algumas práticas cristãs se assemelham às práticas politeístas, como a devoção de outros indivíduos que embora estejam em uma categoria abaixo do deus supremo, possuem atribuições semelhantes como o poder de cura e de realizar milagres. O cristianismo possui o seu próprio panteão.

Os santos cristãos não só lembravam os velhos deuses politeístas como, muitas vezes, eram esses mesmos deuses disfarçados. Por exemplo, a principal deusa da Irlanda celta antes da chegada do cristianismo era Brígida. Quando a Irlanda foi cristianizada, Brígida também foi batizada. Ela se tornou santa Brígida, que até hoje é a santa mais reverenciada da Irlanda católica. (Harari, 2018, p.228)

Assim como a variedade de deuses travestidos de santos, outro aspecto preservado desde as crenças politeístas foi a existência de uma dicotomia, isto é, uma estrutura de narrativas dualistas. Neste caso, a existência de oposições que representam por um lado as forças do bem e por outro as forças do mal. O que parece ser um aspecto vital no discurso cristão é a existência de seres malignos que influenciam a humanidade a agir contra a vontade do deus supremo. A essas criaturas se deu o nome de demônios, uma interpretação equivocada do “*daemon*” grego.<sup>36</sup> Mas, a sincretização da religião grega antiga não ficou apenas na transformação dos tais deuses de segunda categoria em demônios, a própria estrutura das narrativas cristãs seguem o modelo dualista platônico.

---

<sup>35</sup> Harari, 2018, p.226-227

<sup>36</sup> “DEMÔNIO (lat. Daemon; in. Demon, fr. Démon; ai. Daemon, it. Demone). Ser divino em geral, que não o supremo, ao qual é habitualmente reservada a função de mediação. Sócrates atribuía à voz que o chamava para sua tarefa e para o que devia ou não fazer "algo de divino" (Soa|j(i)viov Ti, Ap., 31 D), expressão que significa simplesmente o caráter divino ou transcendente do chamamento. Depois, foram frequentemente chamadas de D. as divindades inferiores ou subordinadas, que muitas vezes os filósofos identificaram com as admitidas pela religião tradicional. Já Platão admitira essas divindades como criadas pelo Demiurgo (Tim., 41 a). Os estóicos pensavam do mesmo modo (DiÓG. L, VII, 147). Plotino diz que um D. é uma "imagem de Deus" (Enn., VI, 7, 6) e que os D. estão na segunda ordem, logo depois dos deuses, ao passo que depois deles vêm os homens e os animais (Ibid., III, 2,11). O neoplatonismo siríaco, como Plutarco, multiplica os D., considerados todos emanações, mais ou menos remotas, da divindade suprema. O cristianismo adotou a seu modo a doutrina dos D., chamando de anjos os bons D. e reservando o nome de D. aos anjos maus (v. ANJOS)”. (Abbagnano, 2007, p.239)

As categorias platônicas foram cruciais na formulação do Teísmo clássico ou Teísmo Anselmiano, a visão de que Deus é um Ser Perfeito – simples, absoluto, infinito, eterno, imutável, onipotente, onisciente, perfeitamente bom e essencialmente independente do mundo. O teísmo clássico tem sido a posição da ortodoxia cristã ocidental - de Agostinho, Tomás de Aquino, Escoto, Lutero, Calvino e de seus seguidores até o presente. É inegável que embora a Bíblia seja sua fonte e padrão, a teologia cristã tradicional tem sido moldada significativamente pelo legado da filosofia platônica. (Cooper, 2006, p.)

René Descartes, filósofo cristão do século XVII, formulou as suas investigações acerca da natureza da mente e do corpo a partir de um modelo dualista. A divisão territorial e política global parte de um princípio dualista, entre hemisférios norte e sul; oriente e ocidente; esquerda e direita e etc. A estrutura conceitual dualista permeia as diversas culturas pelo mundo, mesmo em povos cuja crença não guarde qualquer semelhança com o monoteísmo.

As religiões dualistas floresceram por mais de mil anos. Em algum momento entre 1500 a. C. e 1000 a. C., um profeta chamado Zoroastro (Zaratustra) teve voz ativa em algum lugar no centro da Ásia. Seu credo passou de geração em geração até que se tornou a mais importante das religiões dualistas: o zoroastrismo. Os zoroastristas viam o mundo como uma batalha cósmica entre o deus bom Ahura Mazda e o deus mau Angra Mainyu. Os humanos tinham de ajudar o deus bom nessa batalha. O zoroastrismo foi uma religião importante durante o Império Persa Aquemênida (550-330 a. C.) e mais tarde se tornou a religião oficial do Império Persa Sassânida (224-651). Ele exerceu grande influência sobre quase todas as religiões subsequentes do Oriente Médio e no centro da Ásia e inspirou uma série de outras religiões dualistas, como o gnosticismo e o maniqueísmo. (Harari, 2018, p.229-230)

Parece evidente a contradição das crenças monoteístas abraâmicas que consideram a existência de uma força maligna autônoma e opositora a deus, logicamente, se a crença monoteísta exige em sua estrutura a crença em uma única força suprema atuante no mundo, crer na existência do diabo ou coisa parecida fere o princípio lógico da não contradição. Se o deus cristão é onipotente, como poderia haver uma força opositora? Essa é só mais uma evidente contradição no discurso cristão que exigirá dos seus teólogos diversas manobras argumentativas para tentar resolver. Podemos com muita boa vontade considerar que essas contradições são efeitos indesejados do sincretismo indiscriminado no qual o cristianismo se valeu em sua formação.



Não podemos encerrar esta seção sem mencionar outros modelos de crenças religiosas que não tem como fim os deuses ou entidades sobrenaturais. As chamadas religiões naturais e humanistas.

Durante o primeiro milênio a. C., religiões de um tipo totalmente diferente começaram a se espalhar pela Afro-Ásia. As recém-chegadas, como o jainismo e o budismo na Índia, o taoísmo e o confucionismo na China e o estoicismo, o cinismo e o epicurismo na bacia do Mediterrâneo, se caracterizavam por prescindir dos deuses. (Harari, 2018, p.231)

Tais religiões sustentam que a ordem sobrenatural que governa o mundo é sujeita às leis naturais e não são frutos de vontades de seres pessoais como os deuses das religiões monoteístas e politeístas, algumas ainda consideram a existências de seres tais como os deuses, mas que são sujeitados às leis que regem todo o universo. Abstrações feitas em religiões monoteístas, por exemplo, milagres e feitos que desafiam as leis da natureza, não encontram terreno fértil nessas crenças. É preciso considerar um ecossistema tal qual estamos inseridos no mundo físico, onde cada indivíduo e suas escolhas importam à manutenção da harmonia cosmológica. O budismo, cuja figura central não é um deus, mas um ser humano (Sidarta Gautama) que segundo a tradição budista, condensou seus ensinamentos na lei conhecida com *dharma* ou *dhamma* que alega que todo sofrimento provém do desejo - ideia fundamental para a filosofia schopenhaueriana - e que a única forma de se livrar do sofrimento é abdicando de todos os desejos.

O budismo não nega a existência de deuses - eles são descritos como seres que podem trazer chuvas e vitórias -, mas eles não têm influência alguma na lei segundo o qual o sofrimento deriva do desejo. Se a mente de uma pessoa for livre de todo desejo, nenhum deus poderá torná-la miserável. Por outro lado, quando o desejo surge na mente de uma pessoa, nem todos os deuses do universo reunidos são capazes de salvá-la do sofrimento. (Harari, 2018. p.235)

Se a definição de Harari está correta<sup>37</sup>, podemos considerar que ideologias modernas como o liberalismo, o nacionalismo, o comunismo e o nazismo, são na sua essência religiões tal qual o cristianismo ou o islamismo. Todas se propõem como um sistema de normas e valores humanos e se baseiam em crenças de ordem sobre-humana. Importante antes de prosseguirmos atentar para a diferença entre os conceitos de “sobre-humano” e “sobrenatural”.

SOBRENATURAL (*in. Supernatitmk fr. Surnaturel; ai. Ubernaturlich-, it. Soprannaturale*). O que acontece na natureza, mas não decorre das forças ou dos procedimentos da natureza e não pode ser explicado com base neles. É um conceito próprio da teologia cristã, que atribui à fé a crença no S. assim entendido (et. S. TOMÁS, S. 'lh., I, q. 99. a. 1). (Abbagnano, 2007)

Enquanto sobrenatural pode ser entendido como algo que ultrapassa os limites da natureza, isto é, não obedece aos limites impostos por leis físicas, o sobre-humano refere-se aquilo que ultrapassa as capacidades impostas pela natureza humana, isto é, tudo aquilo que vai além da nossa capacidade de força, entendimento e existência. Mas, as religiões não necessitam de deuses ou abstrações para basear seus argumentos? Não necessariamente, ao menos é isso que parece quando consideramos que alguns cultos objetivam a adoração de indivíduos tão humanos quanto eu que aqui escrevo e você que agora está lendo. Algumas religiões a que convenientemente chamaremos de cultos humanistas, assim como Harari que para justificar seu argumento de que o comunismo soviético, por exemplo, é de fato uma religião, apresenta-nos os pontos de congruência entre a ideologia fundada por Marx, Engels e Lenin e as religiões como o islamismo, o budismo e o cristianismo:

O islamismo é, obviamente, diferente do comunismo, porque o islamismo vê a ordem sobre-humana governando o mundo como o decreto de um deus criador onipotente, ao passo que o comunismo soviético não acredita em deuses. Mas o budismo também dá pouca importância aos deuses, e ainda sim nos é classificado como religião. Como os budistas, os comunistas acreditavam em uma ordem sobre-humana de leis naturais e imutáveis que devem guiar as ações

---

<sup>37</sup> Ver nota 28

humanas. Enquanto os budistas acreditam que a lei da natureza foi descoberta por Sidarta Gautama, os comunistas acreditavam que a lei da natureza foi descoberta por Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Ilitch Lenin. A similaridade não termina aí. Como outras religiões, o comunismo também tem seus escritos sagrados e seus livros proféticos, como *O Capital*, de Marx, que previu que a história logo terminaria com a vitória inevitável do proletariado. O comunismo tinha seus feriados e festividades, como o Primeiro de Maio e o aniversário da Revolução de Outubro. Tinha teólogos adeptos da dialética marxista, e cada unidade no exército soviético tinha um capelão, chamado de comissário, que monitorava a devoção dos soldados e oficiais. O comunismo teve mártires, guerras santas e heresias, como o trotskismo. O comunismo soviético foi uma religião fanática e missionária. Um comunista devoto não podia ser cristão nem budista, e se esperava que difundisse o evangelho de Marx e Lenin mesmo que isso lhe custasse a própria vida. (Harari, 2018, p.236)

A partir dessa conceituação de Harari, não seria incoerente concordar com a ideia de que o comunismo, ao menos nos moldes soviético, pode ser entendido como um culto religioso de fato. Todavia, se preferimos chamar de ideologia, teremos que concordar que devemos aplicar a mesma lógica às demais crenças que até aqui nos referimos, dado, obviamente, as similaridades e ao *modus operandi* comum à maioria.

Mas não fiquemos apenas na comparação com o comunismo, nacionalismos, por exemplo, se valem de uma ideia abstrata de uma nação que detém algum desígnio divino e não admite concorrência da paixão de seus devotos, formando grupos extremistas e muitas vezes culminando em verdadeiras ameaças à paz mundial; capitalistas de livre mercado se valem da crença de que uma competição aberta, isto é, um ambiente onde cada indivíduo é estimulado a buscar seus próprios interesses garante uma sociedade mais justa e meritocrática. Negando os problemas sociais e as desigualdades causadas pela má distribuição de renda e acreditando em um mundo abstrato onde todos os indivíduos possuem capacidade e oportunidades iguais; e os humanistas liberais que se valem da crença de que todos os seres humanos são abençoados com direitos incontestáveis e intransferíveis. Todas essas crenças baseiam-se em abstrações que não dialogam necessariamente com a realidade e, é preciso nos esforçarmos para não tratarmos boa parte delas como meros delírios coletivos.

É preciso, antes de avançarmos, deixar claro que a interpretação da doutrina comunista feita por Harari, pode ser alvo de objeções por parte dos especialistas na obra de Marx, assim como, tal visão superficial não reflete os objetivos deste trabalho, sendo importante a apresentação desses argumentos como contribuição para o debate que se pretende.

Em sua abordagem, Harari ainda desenvolve algumas considerações importantes sobre o que ele define como as três seitas rivais humanistas que apenas citarei aqui de forma superficial, pois os aspectos que nos interessam já foram aqui expostos e servirão de base em minha argumentação na medida em que avançamos neste trabalho. Harari definiu três vias de posicionamento humanistas: humanismo liberal; humanismo socialista; e humanismo evolutivo. Todos compartilham o propósito de cultuar a humanidade, mas discordam quanto à definição de humanidade.

Hoje, a seita humanista mais importante é o humanismo liberal, que acredita que “humanidade” é uma qualidade de indivíduos humanos, e que a liberdade de indivíduos é portanto sacrossanta. De acordo com os liberais, a natureza sagrada da humanidade reside em cada *Homo Sapiens* individual. A essência dos indivíduos humanos dá significado ao mundo e é a fonte de toda autoridade ética e política. (Harari, 2018, p.238)

Outra seita importante é o humanismo socialista. Os socialistas acreditam que a “humanidade” é coletiva, e não individualista. Eles consideram sagrada não a voz interna de cada indivíduo, mas da espécie *Homo Sapiens* como um todo. Enquanto humanistas liberais buscam tanta liberdade quanto possível para os indivíduos humanos, o humanismo socialista busca a igualdade entre todos os humanos. De acordo com os socialistas, a desigualdade é a pior blasfêmia contra a santidade da humanidade, porque privilegia qualidades periféricas dos humanos em detrimento de sua essência universal. (Harari, 2018, p.239)

Como o humanismo liberal, o humanismo socialista também se baseia em monoteísmo. A ideia de que todos os humanos são iguais é uma versão renovada da convicção monoteísta de que todas as almas são iguais diante de deus. A única seita humanista que rompeu com o monoteísmo tradicional é o humanismo evolutivo, cujos representantes mais famosos são os nazistas. O que distinguia o nazismo de outras seitas humanistas era uma definição diferente de “humanidade”, que era fortemente influenciada pela teoria da evolução. À diferença de outros humanistas, os nazistas acreditavam que a humanidade não é algo eterno e universal, e sim uma espécie mutável que pode evoluir ou se degenerar. O homem pode evoluir e se tornar um super-homem, ou degenerar e se tornar um sub-humano. (Harari, 2018, p.240)

O que nos interessa extrair dessas três definições são as semelhanças e não as diferenças entre elas. quando refiro-me às semelhanças, procuro apontar para a estrutura comum a todas, desde a forma com o discurso é articulado e o objeto de devoção sempre se encontra fora do alcance. Esta estrutura será sem dúvida, a parte mais relevante de toda a crítica a que me proponho desenvolver. É importante mantermo-nos atentos aos aspectos abordados nessa seção, pois serão em breve citados mais adiante.

Antes de partirmos para a última seção deste capítulo, cabe, para ser justo, mais uma observação importante sobre a relação que há entre o nazismo e a teoria da evolução. Assim como os nazistas se apropriaram do conceito nietzscheano: *Übermenschen* (Sobre-humano) de forma leviana para justificar o seu ideal etnocêntrico.<sup>38</sup> Definitivamente, é preciso entender que a teoria da evolução sofreu uma má interpretação e uma evidente distorção para se enquadrar nos ideais nazistas. Aliás, atribuir à obra de Charles Darwin (1809-1882) *A origem das espécies* publicada pela primeira vez em 1859 um teor nazista é uma atitude grosseira de anacronismo interpretativo. Essas distorções foram devidamente combatidas por biólogos em pesquisas genéticas realizadas a partir de 1945.

Desde então, os biólogos têm desmascarado a teoria racial nazista. Em particular, as pesquisas genéticas realizadas após 1945 demonstraram que as diferenças entre as várias linhagens humanas são muito menores do que os nazistas postulavam. Mas essas conclusões são relativamente novas. Dado o estado do conhecimento científico em 1933, as crenças nazistas dificilmente estavam em dissonância com o pensamento da época. A existência de raças humanas diferentes, a superioridade da raça branca e a necessidade de proteger e cultivar essa raça superior foram crenças amplamente aceitas pela maior parte das elites ocidentais. (Harari, 2018, p.241)

---

<sup>38</sup> “Os nazistas apropriaram-se do princípio do Super-homem de Nietzsche e, por conseguinte, toda a má reputação se seguiu. Mas Nietzsche não estava interessado em controlar ou conquistar outros. Ele estava defendendo o domínio de si mesmo e a realização do seu potencial individual sem se permitir ser inibido por uma sociedade repressora”. (Mannion, 2010, p.116)

### 1.3 A humanidade “engatinhando” - A nossa predisposição religiosa segundo Freud

O *Homo Sapiens* percebeu que precisava se organizar em bandos para equilibrar a sua força ante o poder da natureza indomada, mas não foi o suficiente, foi preciso inventar meios de garantir que essa união prevalecesse sobre a vontade individual e criasse meios de coagir os membros desta organização a corroborar com a sua manutenção mesmo que no fundo desejassem a sua destruição, aliás, “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal”.<sup>39</sup> Mas, o que Freud quis dizer com isso? Onde a religião entra nessa equação?

Freud parece concordar com Feuerbach sobre as religiões e sua relação com a natureza, assim como a sua face verdadeiramente antropológica. Em seu livro de 1927 *O Futuro de Uma Ilusão (Die Zukunft einer Illusion)*, Freud nos apresenta uma riquíssima interpretação sobre as origens da religião com uma abordagem bastante antropológica e evolucionista. Talvez, seja uma boa síntese das duas abordagens feitas nos tópicos anteriores (ver tópicos 1.3 e 1.4). Para Freud as causas são tão genéticas como culturais, destacando-se a busca pela satisfação dos nossos instintos mais primitivos e a necessidade de nos organizarmos em sociedades cada vez mais complexas que necessitam de freios e contrapesos para não serem esfareladas pela natureza autodestrutiva dos homens.

É digno de nota que, por pouco que os homens sejam capazes de existir isoladamente, sintam, não obstante, como um pesado fardo os sacrifícios que a civilização deles espera, a fim de tornar possível a vida comunitária. A civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa. Visam não apenas a efetuar uma certa distribuição de riqueza, mas também a manter essa distribuição; na verdade, têm de proteger contra os impulsos hostis dos homens, tudo que contribui para a conquista da natureza e a produção de riqueza. (Freud, 1948, p.1)

---

<sup>39</sup> Freud, 1948, p.1

Freud parece concordar com Nietzsche e afirma que toda sociedade é baseada na negação da nossa própria natureza e que exige dos homens um número absurdo de sacrifícios.<sup>40</sup> A civilização, portanto, afasta o homem de seu estado mais natural e o obriga a negar seus próprios instintos em detrimento de uma ideia, neste caso, a ideia de igualdade, configurando o melhor exemplo que podemos ter de um *niilismo*. O homem outrora forte e senhor de seus desejos ao aderir à civilização torna-se frágil e frustrado. Nega a si mesmo em troca de uma cadeira cativa entre os medíocres. Essa privação é fruto de uma ação coercitiva advinda de um sistema muito bem elaborado para manter os que se negam a aceitá-la tão perdidos como os trabalhadores incommunicáveis da famigerada torre de babel.

Nesse nível de abordagem é possível perceber a boa e velha dicotomia em ação, instintos medem força com a cultura em níveis individuais e coletivos, forças orgânicas e sintéticas atuam sobre os homens causando-lhes todas as anomalias possíveis que contraditoriamente gritam e silenciam-se mutuamente. Os crimes violentos, as revoltas organizadas e as guerras parecem sempre negar a imposição da civilização sobre a natureza do homem. Os homens se matam aos montes para supostamente garantir o pleno funcionamento da civilização, mas ironicamente ao agirem assim, satisfazem seus desejos reprimidos de “canibalismo, incesto e ânsia de matar”. As guerras são a contradição da civilização e devem a sua motivação à própria civilização e suas instituições.

Em benefício de uma terminologia uniforme, descreveremos como ‘frustração’ o fato de um instinto não poder ser satisfeito, como ‘proibição’ o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida, e como ‘privação’ a condição produzida pela proibição. O primeiro passo consiste em distinguir entre privações que afetam a todos e privações que não afetam a todos, mas apenas a grupos, classes ou mesmo indivíduos isolados. As primeiras são as mais antigas; com as proibições que as estabeleceram, a civilização — quem sabe há quantos milhares de anos? — começou a separar o homem de sua condição animal

---

<sup>40</sup> “Sobre a *Genealogia da Moral, Uma Polêmica* dá continuidade aos temas apresentados em *Além do Bem e do Mal*. Novamente, Nietzsche acusa a moral cristã de ser um meio de controlar a população amedrontada. Como o estereótipo de uma mãe superprotetora, a igreja e a sociedade usam a culpa como uma arma e como uma forma de controlar os indivíduos. ele também usa a oportunidade de lançar um ataque cruel ao sacerdócio, bradando que todos eles constituem uma classe de homens covarde que obtêm prazer em abusar do poder que eles exercem sobre a multidão ainda mais covarde.” (Mannion, 2010, p.118)

primordial. Para nossa surpresa, descobrimos que essas privações ainda são operantes e ainda constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. Os desejos instintuais que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança; há uma classe de pessoas, os neuróticos, que reagem a essas frustrações através de um comportamento associal. Entre esses desejos instintuais encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar. (Freud, 1948, p.3)

Sem dúvidas, a instituição mais poderosa e presente em todas as civilizações é a religião. De modo que não seria exagero relacioná-la com todas as anomalias civilizatórias ao menos em algum grau. A moralidade frequente nos discursos religiosos atuam como tensionadores de bombas prestes a explodir. Forçando os homens a negarem seus desejos coercitivamente, o que se mostra arriscado e por que não dizer perigoso. O indivíduo ou a civilização que sofre tamanha tensão é como um barril de pólvora esperando ansioso por uma faísca para mostrar a sua verdadeira natureza. Alguns eventos históricos corroboram com essa teoria, basta recordarmos o período do Terror na França revolucionária.<sup>41</sup>

Se nos voltarmos para as restrições que só se aplicam a certas classes da sociedade, encontraremos um estado de coisas que é flagrante e que sempre foi reconhecido. É de esperar que essas classes subprivilegiadas invejem os privilégios das favorecidas e façam tudo o que podem para se liberarem de seu próprio excesso de privação. Onde isso não for possível, uma permanente parcela de descontentamento persistirá dentro da cultura interessada, o que pode conduzir a perigosas revoltas. Se, porém, uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte e de seus participantes depende da opressão da outra parte, parte esta talvez maior — e este é o caso em todas as culturas atuais—, é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais do que uma quota mínima. Em tais condições, não é de esperar uma internalização das proibições culturais entre as pessoas oprimidas. Pelo contrário, elas não estão preparadas para reconhecer essas proibições, têm a intenção de destruir a própria cultura e, se possível, até mesmo aniquilar os postulados em que se baseia. (Freud, 1948, p.4)

---

<sup>41</sup> “O Reino do Terror, ou simplesmente o Terror (*la Terreur*), foi um período no qual a violência promovida pelo Estado durante a Revolução Francesa (1789-99) chegou ao seu clímax. Esse período foi marcado pelas execuções públicas e pela morte em massa de milhares de “suspeitos” contrarrevolucionários entre setembro de 1793 e julho de 1794. O Terror foi organizado pelo Comitê de Segurança Pública, um comitê composto por doze homens e que exercia controle quase que ditatorial na França”. (<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-21142/reino-do-terror/>)



Então, podemos entender o processo civilizatório como a declaração de guerra do *Homo Sapiens* para com a natureza? Uma manobra evolutiva que permitiu à espécie humana manipular os recursos naturais e escravizar as outras espécies para benefício próprio? Como já vimos na seção em que trazemos a versão histórica/antropológica sobre a origem das religiões, o processo de mudança na relação do homem com a natureza se deu com a chamada Revolução Agrícola que culminou na substituição dos cultos anímicos em politeísmos e sucessivamente monoteísmos. Para Freud, o ponto de virada se dá justamente quando o homem precisa exercer domínio sobre parte da natureza e unir força contra a imposição de seus fenômenos:

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être real*, é nos defender contra a natureza. (Freud, 1948, p.5)

Numa tentativa de formar uma cadeia causal a partir do que já foi apresentado, podemos supor que a tendência em acreditar e obedecer que fora supostamente selecionada em nossa espécie, conforme retratada por Dawkins, aliada a hostilidade da natureza para com a espécie humana, tal como supõe Freud e por fim a revolução agrícola, conforme apresentada por Harari, formam o ciclo da transformação da civilização tal como concebemos hoje? Não seria nenhum exagero afirmar que faz sentido, porém, antes de tomarmos esta hipótese como a mais provável, devemos prosseguir na argumentação de Freud.

Somos, por meio da cultura, forçados a negar nossas próprias inclinações e a agir de modo a sustentar toda essa estrutura sob pena de banimento social. Tal processo é iniciado no momento em que damos nossos “primeiros passos”, somos condicionados desde muito cedo a termos crenças e seguirmos regras que muitas vezes nem fazem sentido para nós mesmos. Pergunto, se vivemos de fato a nossa vida enquanto espécie ou somos meros autômatos replicados geração após geração para garantir privilégios a grupos restritos da sociedade? Será que é por todo esse fardo que somos obrigados a carregar que buscamos alternativas sobrenaturais para dividir nossa

carga? Deus não só representa o pai criador de tudo, mas um auxílio para ajudar-nos a suportar essa miserável condição humana?

Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. A isso se acrescentam os danos que a natureza indomada — o que ele chama de Destino — lhe inflige. Poder-se-ia supor que essa condição das coisas resultaria num permanente estado de ansiosa expectativa presente nele e em grave prejuízo a seu narcisismo natural. Já sabemos como o indivíduo reage aos danos que a civilização e os outros homens lhe infligem: desenvolve um grau correspondente de resistência aos regulamentos da civilização e de hostilidade para com ela. Mas, como se defende ele contra os poderes superiores da natureza, do Destino, que o ameaçam da mesma forma que a tudo mais? A civilização o poupa dessa tarefa; ela a desempenha da mesma maneira para todos, igualmente, e é digno de nota que, nisso, quase todas as civilizações agem de modo semelhante. A civilização não se detém na tarefa de defender o homem contra a natureza, mas simplesmente a prossegue por outros meios. Trata-se de uma tarefa múltipla. A auto-estima do homem, seriamente ameaçada, exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores; ademais, sua curiosidade, movida, é verdade, pelo mais forte interesse prático, pede uma resposta. (Freud, 1948, p.6)

A esta altura, parece evidente que essa resposta deveria no mínimo estar no nível de obscuridade dos problemas que pretende-se-ia responder com ela. Ora, se para que se induza as massas a continuarem trabalhando para garantir o privilégio de uma minoria é preciso apresentar uma contrapartida que pareça *prima facie* assimilada com facilidade e ofereça uma recompensa maior do que qualquer outra pudesse lograr. Diante da nossa limitação evidente nos restou encontrar um meio de confortar-mo-nos a fim de garantir que a civilização prosperasse. Era preciso domar o indomável e conseqüentemente tornar inalcançável a todos a causa dessa dominação. Foi preciso, portanto, criar deus e conceituá-lo para garantir a sua onipotência e onisciência sobre os homens. Quem ousaria desafiar um ser que teria o poder de domesticar a natureza por completo? Quem poderia ousar questioná-lo sobre a sua vontade? Deus tornou o sofrimento dos homens justificado e através dessa justificativa o tornou tolerável.

A finitude, esta condição parece nos assolar de forma implacável desde que nos demos conta dela. Mas, como diante dessa condição natural, poderíamos nos defender assim como nos acostumamos a fazê-lo com parte da natureza? Essa nossa negação da finitude parece convergir da forma como “conseguimos” interpretar o mundo, isto é, a causalidade. David Hume se debruçou sobre os impactos desta nossa forma de entender o mundo e como associamos informações para formar ideias sobre a realidade. Me parece que ao enxergarmos o mundo de tal forma, tendemos a encontrar “teleologias” em tudo e por isso a simples conclusão de finitude nos parece contra-intuitiva.

Todos os raciocínios referentes a questões de fato parecem fundar-se na relação de causa e efeito. É somente por meio dessa relação que podemos ir além da evidência de nossa memória e nossos sentidos. Se perguntássemos a um homem por que ele acredita em alguma afirmação factual acerca de algo que está ausente -por exemplo, que seu amigo acha-se no interior, ou na França -, ele nos apresentaria alguma razão, e essa razão seria algum outro fato, como uma carta recebida desse amigo ou o conhecimento de seus anteriores compromissos e resoluções. Um homem que encontre um relógio ou qualquer outra máquina em uma ilha deserta concluirá que homens estiveram anteriormente nessa ilha. Todos os nossos raciocínios relativos a fatos são da mesma natureza. E aqui se supõe invariavelmente que há uma conexão entre o fato presente e o fato que dele se infere. Se nada houvesse que os ligasse, a inferência seria completamente incerta. Por que a audição de uma voz articulada e de um discurso com sentido na escuridão nos assegura da presença de alguma pessoa? Porque esses são os efeitos da constituição e do feito do ser humano, e estão intimamente conectados a ele. Se dissecarmos todos os outros raciocínios dessa natureza, descobriremos que eles se fundam na relação de causa e efeito, e que essa relação se apresenta como próxima ou remota, direta ou colateral. Calor e luz são efeitos colaterais do fogo, e um dos efeitos pode ser legitimamente inferido do outro. (Hume, 2004, p.54-55)

Não só esta necessidade de se encontrar finalidade em tudo, mas de buscar por meio dessas justificativas um abrigo diante dessas imposições naturais. Segundo Sartre, a consciência dessa condição nos causa o desamparo e a angústia e nos aproxima de discursos que vão de contra essa natureza. Sartre refere-se a nossa consciência de liberdade, que só é possível se partirmos do princípio de nossa finitude e da não existência de deuses ou abstrações como o destino. Somos, portanto, livres para tomar

nossas decisões e não reportamos a nenhuma divindade nem as causas nem os efeitos de nossas decisões. Mas, esta auto-consciência de finitude é para poucos. A maior parte da humanidade não se dispõe a quebrar as correntes necessárias para reconhecer-se livre.<sup>42</sup>

Precisamos, portanto, de narrativas que corroborem com a nossa necessidade infantil de sermos alimentados e protegidos por nossos pais. Recorremos sempre às primeiras necessidades infantis e nos apegamos a tudo que nos redirecione a elas. Diante da terrível natureza, somos seres indefesos e precisamos da proteção oferecida pela civilização.

Já uma vez antes, nos encontramos em semelhante estado de desamparo: como crianças de tenra idade, em relação a nossos pais. Tínhamos razões para teme-los, especialmente nosso pai; contudo, estávamos certos de sua proteção contra os perigos que conhecíamos. Assim, foi natural assemelhar as duas situações. (...) Do mesmo modo, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como com seus iguais - pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele -, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses, seguindo nisso, como já tentei demonstrar, não apenas um protótipo infantil, mas um protótipo filogenético. (Freud, 1948, p.6)

Então, para Freud esta é uma condição que não se restringe ao indivíduo, mas à espécie humana? Quando ele refere-se ao protótipo filogenético ele atribui a uma característica que diz respeito a toda uma espécie, neste caso, o *Homo Sapiens*. Podemos então, a partir desta afirmação freudiana, atribuir caráter genético à nossa predisposição religiosa. Isto é, não diz respeito ao indivíduo e sua relação com o mundo, mas a relação da espécie com a natureza. A necessidade de teleologia é uma condição genética e por isso negar esta predisposição é negar a própria natureza. Mas, se a nossa natureza nos impõe desejos e necessidades, e a cultura nos impõe a negação desses instintos, a aculturação é uma negação da nossa natureza? Mas, se a

---

<sup>42</sup> “O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.” (Sartre, 1984, p.13); “Quando falamos de desamparo, expressão cara a Heidegger, queremos simplesmente dizer que Deus não existe e que é necessário levar esse fato às últimas consequências. O existencialista opõe-se frontalmente a certo tipo de moral laica que gostaria de eliminar Deus com o mínimo de danos possível.” (Sartre, 1984, p.16)

aculturação corresponde a criação de instituições que corroboram com a nossa necessidade de dominar a natureza ela não seria um produto dessa mesma natureza? Portanto, poderíamos afirmar que a nossa natureza tem por princípio e finalidade a negação da negação *ad eternum* dela mesma?

Me parece satisfatório afirmar que as causas para o fenômeno religioso são tão filogenéticas como ontogenéticas, isto é, estão nos níveis de espécie e de indivíduo, imposição da natureza e domínio desta natureza através da cultura. Por isso, seria correto afirmar que o que corresponde a nossa filogenia não se aplica a nossa ontogenia, cada qual tenta se impor sobre o homem diferentemente do que é observado em outras espécies de animais. Podemos concluir que somos formados por duas naturezas que se negam. Negamos a nossa natureza filogenética para afirmar nossa ontogênese e vice-versa. Em outras palavras, negamos a nossa necessidade de Deus para impor a nossa necessidade de liberdade. Negamos a nossa liberdade para afirmar a nossa necessidade de amparo e finalidade.

No decorrer do tempo, fizeram-se as primeiras observações de regularidade e conformidade à lei nos fenômenos naturais e, com isso, as forças da natureza perderam seus traços humanos. O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhe impôs. (Freud, 1948, p.6)

As ideias religiosas parecem ser fundamentais para garantir a ordem civilizatória, como um antídoto para a perigosa emancipação do indivíduo, como uma garantia de que os sacrifícios serão justificados e de que o mundo como está dado, obedece uma ordem divinamente pré-estabelecida onde a hierarquia e a divisão de riquezas seguem essa premissa. Aliás, nosso reino não é deste mundo, dai a César o que é de César pois só os mansos de coração herdarão os céus e a terra.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> A expressão “Dai a César o que é de César” é uma frase atribuída a Jesus Cristo, que aparece nos evangelhos sinóticos, em Mateus 22:21 e Marcos 12:13–17. A frase completa é “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de

Ficou sendo então tarefa dos deuses nivelar os defeitos e os males da civilização, assistir os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros em sua vida em conjunto e vigiar o cumprimento dos preceitos da civilização, a que os homens obedecem de modo tão imperfeito. Esses próprios preceitos foram creditados com uma origem divina; foram elevados além da sociedade humana e estendidos à natureza e ao universo. Foi assim que se criou um cabedal de ideais, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, e construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana. Pode-se perceber claramente que a posse dessas ideias o protege em dois sentidos: contra os perigos da natureza e do Destino, e contra os danos que o ameaçam por parte da própria sociedade humana. (...) A própria morte não é uma extinção, não constitui um retorno ao inanimado inorgânico, mas o começo de um novo tipo de existência que se acha no caminho da evolução para algo mais elevado. (Freud, 1948, p.7)

Mas se pretendemos elevar o nosso debate, devemos considerar que para que uma ideia faça algum sentido é necessário que se aponte uma justificativa para tal. No caso das ciências empíricas é necessário demonstrar através de experimentos o que se pretende afirmar com teorias. Todavia, no caso das ideias religiosas essa premissa não se sustenta, visto que as provas que são apresentadas em favor dessas ideias são geralmente provas anedóticas ou que se sustentam em falácias clássicas como o *apelo à autoridade* (é verdade que Deus existe, pois, foi meu pai que me ensinou que ele existe), o *argumento circular* (a Bíblia é a palavra de Deus, pois nela está escrito que é a palavra de Deus) e a falácia *ad populum* (se a maioria das pessoas acreditam em Deus, logo, só pode ser verdade que ele exista, não é possível que a maioria esteja errada). Mesmo que recorramos a um empirismo radical e ponhamos em dúvida até mesmo as provas adquiridas por meio da experiência sensorial, é preciso que se defina o que é minimamente aceitável para se considerar uma informação como sendo parte de um conhecimento de fato. A nossa limitação está na causalidade, deste modo, e só deste modo compreendemos os eventos que nos cercam. As ideias religiosas, assim

---

Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.” (Mateus 5:3 - 12)

como as ideias científicas fazem uso da mesma estrutura básica, a mesma que limita a nossa capacidade de enxergar o mundo, isto é, através de uma relação causal. Porém, no caso das ideias científicas precisamos recorrer aos sentidos que temos à disposição, em contrapartida, as ideias religiosas não se alinham aos nossos sentidos básicos, mas fazem referência a sentidos psicológicos e ancestrais.

Uma discussão relevante na filosofia da mente se dá em torno do conteúdo da nossa mente e seu aspecto particular e exclusivo, tais como as nossas sensações, intuições e emoções, assim como outros estados mentais, podem ser compartilhados via comportamento, mas não podem ser acessados em sua totalidade por outro que não o indivíduo que os percebe em primeira pessoa. Logo, se as ideias religiosas fazem referência a sentidos psicológicos, estas ideias são tais como os estados mentais, isto é, não podem ser compartilhadas, apenas representadas por meio de nosso comportamento ou declaração. Poderíamos, portanto, inferir que assim como entendemos uma sensação como um evento real e que geralmente encontra referência fora de si, podemos dizer o mesmo das ideias religiosas?

As ideias religiosas fazem parte de um tipo específico de estado mental, são crenças, assim como as ideias científicas, logo, mesmo que façam referência a algo externo não são necessariamente verdades. Durante muitos séculos defendeu-se nos meios “científicos” que a terra era o centro do universo e que o sol, assim com os demais astros, orbitam nosso planeta, evidentemente, com a revolução copernicana essa “verdade” foi confrontada com uma nova ideia que se mostrou mais promissora e que na medida em que a ciência se desenvolveu a partir deste ponto podemos por meio de verificação empírica afirmar que esta crença passada é falsa. Fica evidente, que o fato da ideia do geocentrismo ser por muito tempo entendida como uma crença científica, isso não garantiu a sua relação com a realidade dos fatos. Do mesmo modo, uma crença religiosa não encontra necessariamente uma referência fora dela e não pode se afirmar por meio de referências anedóticas.

As ideias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos que reivindicam nossa crença. (...) Existem, naturalmente, muitos ensinamentos desse tipo sobre as mais variadas coisas do mundo. Toda lição escolar está cheia deles. (...) Todo

ensinamento como este,então, exige uma crença em seu conteúdo, mas não sem produzir fundamentos para sua reivindicação. (...) Por exemplo, a Terra tem a forma de uma esfera; as provas aduzidas para isso são o experimento do pêndulo de Foucault, o comportamento do horizonte e a possibilidade de circunavegá-la. (...) Tentemos aplicar o mesmo teste aos ensinamentos da religião.(...) Em primeiro lugar, os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade. (Freud, 1948, p.10)

Se podemos afirmar a partir de nossa investigação até aqui que as ideias religiosas são frutos de nossos sentidos psicológicos, Freud os identifica como sendo ilusões provocadas por nossos anseios mais antigos, como a necessidade de proteção do nosso estado infantil. As nossas intuições não podem dizer nada sobre o mundo, seria pouco razoável supor que podemos inferir sobre as coisas no mundo a partir da nossa pura intuição. É preciso, portanto, que o conhecimento sobre o mundo nos seja possível por meios externos. Logo, uma intuição sobre a ordem cosmológica não quer dizer nada sobre a ordem cosmológica em si, mas sobre o estado mental daquele que intui. Em outras palavras, podemos através da observação de sucessões de eventos inferimos causas a partir de nossas intuições, porém, muito provavelmente a nossa tentativa de atribuir uma relação causal falhará. Para chegarmos às causas de fato, precisamos desenvolver métodos que possam ser replicados por qualquer pessoa que queira investigar o fenômeno que se pretende entender. Até então, os métodos mais eficazes são os métodos científicos, pois se baseiam em percepções que são comuns a todos os seres humanos com o mínimo de treinamento possível. Neste caso, o conhecimento adquirido por meio do método faz necessariamente referência a realidade em que ocorre o fenômeno. Toda tentativa de se explicar o mesmo fenômeno, mesmo que venha por capricho da aleatoriedade a corroborar com o conhecimento por meio do método, ainda sim, será considerado uma ilusão. É evidente que esse sentido dado à ilusão não implica no erro propriamente dito, mas em um tipo muito específico de erro, qual seja o erro da fonte no qual a informação provém.



Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro. (...) O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. (...) As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade. (...) Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação. (Freud, 1948, p.12)

Chegamos ao cerne do argumento freudiano, segundo o qual as ideias religiosas são ilusões causadas por desejos primitivos (em especial os desejos infantis, tanto do indivíduo como de toda a raça humana) e que por isso não podem ser consideradas conhecimentos verificáveis e por conseguinte não dialogam com a realidade. Mas, apontando o caráter verificável ou não das ideias religiosas, o que nos interessa de fato são as causas de sua origem no *Homo Sapiens*. Quanto a sua viabilidade, deixemos para nos aprofundar em outro momento.

Para concluir nosso debate acerca das possíveis origens da religião, ou como queira, das ideias religiosas ou do modo de pensar próprio da religião, podemos, enfim, apontar alguns aspectos que se afirmam nas propostas mostradas até então. Para a proposta darwinista, o tipo de comportamento religioso, no qual podemos incluir o modo de pensar religioso, é uma consequência indesejada ou um subproduto de um mecanismo que foi selecionado evolutivamente para garantir a nossa interação segura com o ambiente e conseqüentemente podermos prosperar enquanto espécie. Para a proposta histórica/antropológica, assim como para a proposta darwinista, o comportamento religioso também se deu por uma necessidade de sobrevivência,, porém neste caso também a necessidade de explicar os fenômenos naturais aliada a necessidade de dominar a natureza e seus recursos foi essencial para que passássemos a inventar ídolos. E por fim, para Freud tanto a nossa necessidade de dominar a natureza e seus recursos para a sobrevivência da espécie, quanto a nossa necessidade de fundar a civilização que por sua vez suprimiu os nossos desejos mais instintivos, as ideias religiosas surgem como um meio pelo qual através delas podemos retomar mesmo que de forma superficial estes nossos desejos reprimidos.

No próximo capítulo trataremos do que parece ser a ideia que une todas essas abordagens discutidas até aqui, a inegável natureza antropológica das religiões. Afinal, somos feitos à imagem e semelhança de Deus ou é justamente o contrário?

## 2. A ESSÊNCIA DO “FEUERBACHIANISMO”: COMO FEUERBACH INFLUENCIOU A FILOSOFIA DESDE O SÉCULO XIX

Até agora nos atemos a discutir sobre as possíveis origens das religiões segundo algumas áreas do conhecimento, sem recorrer às próprias narrativas religiosas, não obstante, devemos considerar que um objeto de crítica tende a contribuir mesmo que de forma involuntária para o fim que se pretende. Como não podemos apontar para um conceito uniforme, devemos, a partir de então, nos debruçar sobre o argumento filosófico, ao meu ver, mais forte e influente contra as religiões e seu *modus operandi*. O argumento antropológico de Ludwig Feuerbach. Primeiramente vamos tratar do impacto que a crítica feuerbachiana causou na Europa do século XIX e como se deu a recepção da sua primeira grande obra, *A Essência do Cristianismo. (Das Wesen des Christentums)* de 1841.

Dentre todos os filósofos que desempenharam alguma influência no pensamento filosófico contemporâneo, pode se dizer que Feuerbach deve estar entre os mais importantes. Por mais que seu nome não seja celebrado na maioria das grades curriculares canônicas dos milhares de cursos de filosofia pelo mundo, a força de seus argumentos e o impacto causado por eles justificam-se nas obras de importantes filósofos contemporâneos como Karl Marx e Sigmund Freud. Marx, por exemplo, nutria uma grande admiração por Feuerbach e não negava a influência que sofria diretamente das contribuições dele no campo da filosofia política e da religião. Em 11 de agosto de 1844 Marx envia uma carta à Feuerbach, declarando toda a sua comoção por suas ideias e o amor que nutria por suas obras, assim escreveu:

(...) espero ansiosamente por uma oportunidade em que eu possa lhe demonstrar a alta consideração e - perdoe-me a palavra - o amor que tenho por você. Nestes escritos você deu - não sei se de maneira consciente - um fundamento filosófico ao socialismo, e os comunistas entendem estes trabalhos desta maneira. (Marx, 1844)

Além de Marx, o seu amigo e parceiro Friedrich Engels fez questão de mencionar a importância da filosofia feuerbachiana, em sua obra: *Ludwig Feuerbach e o Fim da*

*Filosofia Clássica Alemã* (1886-1888), sobre o impacto do pensamento feuerbachiano na Alemanha do século XIX, afirma:

Foi então que apareceu **A Essência do Cristianismo**, de Feuerbach. De repente, essa obra pulverizou a contradição criada ao restaurar o materialismo em seu trono. (...) Quebrava-se o encantamento: o “sistema” saltava em pedaços e era posto de lado - e a contradição ficava resolvida, pois existia apenas na imaginação. Só tendo vivido, em si mesmo, a força libertadora desse livro, é que se pode imaginá-la. O entusiasmo foi geral - e momentaneamente todos nós nos transformamos em “feuerbachianos”. Com que entusiasmo Marx saudou a nova concepção e até que ponto se deixou influenciar por ela - apesar de todas as suas reservas críticas - pode ser visto em **A Sagrada Família**. (Engels, 1888, p. 5)

A sua definitiva crítica em torno da fundamentação do pensamento religioso, isto é, a constatação da natureza representativa do conceito de deus, inaugura o chamado ateísmo humanista e reposiciona o homem ao centro da equação do pensamento ocidental. Há quem acuse a sua manobra filosófica de incorrer no mesmo erro de filósofos anteriores que tentaram se desvencilhar de sistemas metafísicos, mas acabam incorrendo em um novo sistema da mesma espécie. Ao considerar a essência no homem, Feuerbach usufrui de um recurso metafísico para sustentar seus argumentos. Afirma Marx: “Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência humana”. (Marx; Engels, 2007, p.534)

Freud, por sua vez, não esconde a sua admiração e a influência sofrida em suas obras e, em muitas ocasiões é possível trazer paralelos entre a perspectiva freudiana e feuerbachiana de que a religião pode ser tratada como uma psicopatologia. Para MELO (2022), “As formulações filosóficas e psicanalíticas elaboradas por Feuerbach e Freud nos trouxeram grandes contribuições para que fosse possível compreender a religião/deus em sua gênese psicológica”. Segundo ele, “(...) Feuerbach nos mostra que as religiões são consequências da objetivação da consciência do homem, mas de forma invertida e deificada. Em Freud, a religião é concebida como projeção dos desejos profundos dos humanos”. Para destacar a sua admiração, é preciso citar um trecho da

correspondência de Freud ao seu amigo Silberstein em que ele escreveu: “entre todos os filósofos (...) este é o homem (Feuerbach) que mais venero e admiro”.<sup>44</sup>

Pouco antes de Feuerbach, o pensamento europeu sofreu uma reviravolta com a contribuição dos pensadores iluministas, tendo como seu maior expoente Immanuel Kant (1724-1804). Deste modo, a ideia de que o conhecimento empírico deve sobrepor o obscurantismo dos discursos religiosos, assim como a tentativa de centralizar o homem nas relações com o mundo e seus fenômenos, formam o que é comumente chamado de humanismo ou antropocentrismo.<sup>45</sup>

Com o advento do positivismo de Auguste Comte (1798-1857), que defende o afastamento radical do conhecimento religioso e filosófico em prol de uma “sociedade positiva”, isto é, uma sociedade que é fundamentada no culto à ciência em que quaisquer abstrações, sejam no campo religioso ou filosófico, não devem ser consideradas conhecimentos válidos.<sup>46</sup> A influência do pensamento evolucionista reforçada pelo recente darwinismo<sup>47</sup> e os momentos de instabilidade política na Europa do século XIX, são alguns dos aspectos que forjaram um ambiente propício para a boa recepção da crítica feuerbachiana. É nesse contexto que Feuerbach, um ex-estudante de teologia, apresenta suas razões sobre o cristianismo e sua face antropomórfica:

Quanto ao Deus como criador do universo, como princípio causal e final, Feuerbach explica como sendo um produto da limitação da nossa ciência. O homem não pode conceber algo que não seja fabricado e que não sirva a um determinado fim, porque ele próprio fabrica as coisas que servirem a alguma finalidade. Por isso não suporta a ideia de um universo eterno, incriado, e pergunta: De onde veio tudo isto? (Feuerbach, 2013, p.9)

---

<sup>44</sup> Melo, 2020.

<sup>45</sup> “ILUMINISMO (...). Linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana.” (Abbagnano, 2007, p.545)

<sup>46</sup> “POSITIVISMO (...). Foi adotado por Augusto Comte para a sua filosofia e, graças a ele, passou a designar uma grande corrente filosófica que, na segunda metade do séc. XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países do mundo ocidental. A característica do P. é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível.” (Abbagnano, 2007, p. 787)

<sup>47</sup> “DARWINISMO (...). Doutrina da evolução biológica, segundo os fundamentos enunciados por Darwin: A existência de pequenas variações orgânicas, que se verificaram nos seres vivos sob a influência das condições ambientais, das quais algumas (pela lei da probabilidade) seriam biologicamente vantajosas; 2- seleção natural, graças à qual sobreviveriam, na luta pela vida, os indivíduos nos quais se manifestassem as variações orgânicas favoráveis (Origem das espécies, 1859)” (Abbagnano, 2007, p. 242)

Mas, o cerne da argumentação Feuerbachiana está na relação do homem com a natureza. Para ele, a religião é fruto dessa relação e surge como uma negação da finitude humana através da projeção de nossos anseios em figuras antropomórficas.

Feuerbach continua influenciando o pensamento contemporâneo e as bases de seu pensamento ainda estão presentes tanto na crítica irreligiosa, como na política e na sua antropologia, inclusive a sua influência pode ser percebida na obra de um dos teóricos da chamada filosofia da libertação ou decolonial, Enrique Dussel (1934-2023). Segundo Lima (2016):

A positividade da filosofia feuerbachiana aparece, para Dussel, nestas três dimensões: a centralidade da sensibilidade, que supera (mas não nega) em alguns momentos a razão, ou seja, faz o que os filósofos especulativos jamais fariam; a importância do outro, realidade necessária para a realização do homem enquanto gênero, na comunidade, onde o impossível se torna possível; e a crítica a Hegel, que se configura como crítica ao pensar totalizante. (p.177)

Devemos aprofundar-mo-nos nos principais conceitos da crítica feuerbachiana, nos quais destaco: O conceito de Natureza; a relação do Homem com a natureza; o conceito de Deus como criatura do homem; e o conceito de Alienação.

## 2.1 Natureza em Feuerbach

Antes de tudo, precisamos entender que para Feuerbach o conceito de Natureza é fechado em si, isto quer dizer que para ele a Natureza não é produto de nenhuma criação, nem tão pouco é uma abstração que atua sobre a história ou influenciando-a. Ao desenvolver seu próprio conceito, Feuerbach assume uma postura crítica tanto ao teísmo clássico como ao idealismo alemão. Sendo, pois, um importante crítico da filosofia hegeliana assim como seus contemporâneos Fichte e Schelling. Para Feuerbach, a natureza também não possui qualquer essência divina e não atua de forma senciente, embora seja autônoma, objetiva, necessária, não deduzível e eterna. A Natureza é, portanto, *causa sui*, isto é, independe de qualquer fator externo a si. Não preserva qualquer aspecto abstrato e nem se relaciona com os interesses sintéticos dos homens. É, portanto, o todo como se apresenta aos nossos sentidos e a causa imediata de todos os fenômenos que se encerra nela mesma e, o que torna possível tanto o homem quanto tudo que nela existe.

É muito tentador atribuímos *prima facie* ao conceito de Natureza feuerbachiano um quê de divindade, dada a paridade de alguns dos seus atributos com os conceitos de Deus do teísmo clássico. A onipotência, é um bom exemplo. Mas, este seria um erro conceitual grave, visto que o Deus do teísmo é necessariamente pessoal e senciente e só esses dois atributos já contradizem o conceito feuerbachiano. Outra tentativa seria enquadrar o conceito feuerbachiano com o conceito panteísta, todavia, embora pareça mais coerente que relacioná-lo com o teísmo, seria necessário considerar uma essência divina, o que não é o caso.

Nas abordagens anteriores vimos que a relação do homem com a natureza foi fator fundamental para que se desenvolvessem crenças e por conseguinte cultos religiosos. A natureza se apresenta para o homem, assim como para os outros seres vivos, com sentidos ambíguos, pois é dela que provém todas as condições para a sobrevivência da espécie e conseqüentemente de cada indivíduo e também todas as resistências naturais para que essa espécie/indivíduo permaneça a prosperar. Grosso modo, podemos dizer que a natureza dá à medida em que também retira. O caso da nossa espécie não encontra paralelos, basta entender que para os demais seres vivos -

os que não possuem racionalidade - não observamos qualquer tentativa de negação das imposições naturais, porém para o *Homo Sapiens* esta parece ser uma condição selecionada. O homem não se conforma com as limitações impostas pela natureza e desenvolve a cultura na tentativa de subjugar-la.

As consequências dessa tentativa de dominação da natureza, já conhecemos. Tenta-se atribuir abstrações à natureza, criam-se justificativas para satisfazer nosso desejo de teleologia e por fim se nega o próprio destino. Porém, é preciso destacar que apesar da indiferença até aqui justificada da natureza com os nossos desejos escusos, Feuerbach não entende a natureza pela ótica mecanicista, muito menos como uma grandeza lógico-matemática, isto é, para ele a natureza, ao contrário do que estas ideias sugerem, possui vitalidade e interage com o homem e com os outros seres por meio de fenômenos físicos que possuem capacidade de sensibilizar-nos.

Embora a concepção de natureza de Feuerbach não seja atomístico-mecanicista, já que, para ele, a natureza não é nenhuma máquina, nenhuma pura res extensa, sem vida, nenhuma grandeza lógico-matemática, isto é, nenhum universo que se movimenta necessariamente segundo leis mecânicas, de acordo com ele, "sensibilidade", "vivacidade", "vitalidade", "fiscalidade", "exterioridade" são conceitos similares para a existência material da natureza, pois a natureza que existe real e objetivamente expressa sua existência material mediante efeitos físicos, fenômenos naturais que existem não apenas idealmente no entendimento, mas também constituem para o homem efeitos sensíveis, observados sensivelmente. (Chagas, 2020, p.23)

Em suma, não há essência divina ou propósito na natureza, ela não foi criada, não possui fim nem começo, não pode ser valorada e nem depende de nada exterior a si para que exista. Em outras palavras, a natureza é em si e para si e, a sua relação com o homem se dá por via única, onde o homem é o dependente incondicional.



## 2.2 Deus, a melhor invenção do homem

Todos os autores que trouxemos até aqui concordam que Deus é na verdade mais uma das criações humanas, assim também não poderia ser diferente para Feuerbach. Todavia, não foi Feuerbach quem primeiro intuiu esta propositura. Devemos reportamo-nos ao pré-socrático Xenófanes de Cólofon e sua crítica às obras de Homero e Hesíodo para assim contextualizarmos a afirmação feuerbachiana de que Deus é criatura do homem.

Quando se trata da vida e da obra de Xenófanes somos limitados a pequenos fragmentos atribuídos a ele e a citações de seus contemporâneos, como Platão e Aristóteles. O que se sabe é que ele foi um rapsodo que nasceu em Cólofon (atual Turquia) e viveu boa parte da sua vida em Zancle, na Sicília. Vindo a falecer em por volta de 475 a.C com aproximadamente 95 anos.<sup>48</sup> Conhecido por sua postura crítica principalmente ao se referir às obras de Homero e Hesíodo.

Quando Xenófanes questiona o antropomorfismo da religião grega através das obras de Homero e de Hesíodo, ele inaugura uma concepção filosófica que mais tarde será fundamentada por Feuerbach em sua crítica à religião cristã. Não dispomos de obras completas de Xenófanes e por isso ficaremos limitados a citá-lo de forma superficial, mas não poderíamos deixar de citá-lo, pois sua contribuição foi muito importante para toda a crítica da religião que se deu a partir dele.

Apontar para características antropomórficas nos deuses do Panteão grego não pode ser considerada uma tarefa difícil, é evidente. A crítica de Xenófanes se difere em conteúdo à crítica feuerbachiana, pois no primeiro caso a grande questão foi em torno da incoerência da divindade com as imperfeições próprias dos mortais. Os deuses deveriam ser perfeitos, só assim justificariam a nossa crença neles. Parece evidente que ao questionar a narrativa hegemônica, Xenófanes não descartou a possibilidade da existência de deuses, mas aspectos específicos atribuídos a eles. Não é correto, portanto, afirmar que Xenófanes era ateu, ou que ele negava a existência de um mundo sobrenatural, aliás a ele é atribuída uma das primeiras intuições sobre um deus único. Segundo relatado por Aristóteles no livro Alfa da Metafísica:

---

<sup>48</sup> GOMES, 2019.

Parmênides parece ter entendido o Um segundo a forma, Melisso segundo a matéria (e por isso o primeiro sustentou que o Um é limitado, o outro, que é ilimitado). Xenófanés afirmou antes deles a unidade do todo (diz-se com efeito que Parmênides foi seu discípulo, mas não oferece nenhum esclarecimento e não parece ter compreendido a natureza nem de uma nem de outra dessas causas, estendendo a sua consideração a todo o universo, afirma que o Um é Deus. (Aristóteles, 2002, A, 5. 986 b 20)

Apesar de ser uma crítica religiosa, Xenófanés se limita a uma espécie de teologia, o que não é o caso da crítica feuerbachiana. Xenófanés não afirmava que não existe nenhum deus ou que a religião é um problema para a humanidade, pelo contrário, questionava o modo como os deuses eram retratados e buscava com sua crítica separá-los definitivamente dos homens. Gomes (2019) em seu artigo sobre Xenófanés, afirma:

“Todavia a crítica central responsável por fazer com que Xenófanés se tornasse um dos mais importantes filósofos da era pré-socrática está alocada na atitude de expor a problemática de Homero e Hesíodo a respeito da codificação da religião grega. O grande erro apontado por Xenófanés aos poemas era o antropomorfismo que o Homero e Hesíodo fizeram com a Ilíada, Odisseia, Teogonia etc., sob a égide da crença totalmente fundada sistematicamente e construída a partir do indivíduo comum, sem nenhuma honraria específica, em puros “deuses”. (p.8)

A crítica feuerbachiana segue outra linha, aponta para o antropomorfismo implícito nas religiões e para como se deu esse processo, como os deuses que não aparentavam quaisquer traços humanos vieram a se condensar no conceito de deus cristão. Deuses não são mais que invenções humanas e correspondem a uma negação da própria natureza. Essa negação se dá pelo mesmo motivo mencionado antes, a necessidade de dominá-la. Segundo Feuerbach, quem melhor representa essa negação da natureza é o Deus cristão, visto que a doutrina cristã interpreta a natureza como um estágio temporário/passageiro na odisseia do ser humano. A natureza está para o homem como um bem a ser explorado, pois foi assim presenteado por Deus. O homem deve dominar os animais e as plantas, pois é a criação mais perfeita e mais

amada, também por isso deve extrair da natureza tudo que for necessário para o seu conforto.

Segundo CHAGAS(2020) “Feuerbach considera que o homem é aquilo que é apenas através da natureza, porque ele tem nela o fundamento de sua existência”. A partir desta concepção, se a religião cristã tem por princípio a negação da natureza no homem, logo o cristianismo pode ser entendido como a negação do homem. Jesus, enquanto Deus que se fez homem, muitas vezes tratado como “o filho do homem” faz referência a um conceito de homem que difere do conceito feuerbachiano. O homem segundo a tradição cristã não se relaciona com a natureza tal qual parte de um todo que é a natureza, mas se encontra em contradição a ela, sendo um ser de essência santa (separada) de tudo que é natural. O homem está separado de Deus por sua relação com a natureza e enquanto esta exercer alguma influência no homem, este não voltará à sua comunhão com Deus:

A religião nada sabe por si mesma da existência das causas intermediárias; esta é antes o seu incômodo; pois o reino das causas intermediárias, o mundo sensorial, a natureza é exatamente o que separa o homem de Deus, não obstante deus, enquanto Deus ativo, já seja por sua vez um ser sensorial. Por isso crê a religião que esta divisão cairá um dia. Um dia não haverá mais natureza, matéria, corpo, pelo menos nenhum do tipo que separa o homem de Deus: um dia existirão somente deus e as almas devotas. (Feuerbach, 2022, p.242)

Para a religião cristã, todo ser humano é filho de Deus e que por isso em alguma medida possui a natureza separada dos demais seres que compõem o mundo material. O que ao meu ver, revela a natureza perversa da relação entre pai e filho narrada nos livros bíblicos, tal qual Deus, além de submeter-se à tortura da crucificação, ainda condiciona seus “filhos” às privações da mortalidade sob a ameaça da punição eterna.

Para Feuerbach, deuses são personificações da natureza e por conseguinte também serão personificações do homem, visto que o homem, como já foi dito, é parte dependente da natureza. Logo, enquanto as religiões se limitavam a explicar os fenômenos como raios e a morte, por exemplo, os deuses desses homens recebiam da própria natureza os seus atributos. A partir do momento em que a humanidade passou a interpretar de forma consciente os fenômenos da natureza, foi preciso atribuir aos

deuses os anseios que passaram a assolar os homens que percebiam-se separados ontologicamente da natureza. Desta forma, o homem projetou em Deus todas as suas necessidades. Buscava-se o poder; Deus passou a ser o “Todo Poderoso”; buscava-se amor; Deus é o amor mais perfeito; buscava-se a imortalidade; Deus é eterno e assim por diante. Deus é, portanto, a imagem e semelhança dos homens e, como são muitos os homens, são muitos os deuses. A natureza, por sua vez, nega todas as pretensões do discurso religioso.

A religião é a cisão do homem consigo mesmo: ele estabelece Deus como um ser anteposto a ele. Deus não é o que o homem é, o homem não é o que Deus é. Deus é o ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem é pecador. Deus e homem são extremos: Deus é unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. (Feuerbach, 2013, p.77)

A natureza não tem princípio nem fim. Tudo nela está em transformação, tudo é relativo, tudo é ao mesmo tempo causa e efeito, tudo é geral e particular; ela não acaba num ápice monárquico; é uma república. Quem está habituado somente com o regime hierárquico não pode certamente imaginar um Estado, uma comunidade de homens sem príncipes; igualmente não pode imaginar uma natureza sem Deus quem desde criança está habituado com essa concepção. Mas a natureza não é menos concebível sem Deus, um ser extra e sobrenatural, que o Estado ou o povo sem um ídolo monárquico que é exterior e acima do povo. (Feuerbach, 2009, p.119)

Acredito que neste ponto já é possível perceber que a crítica de Feuerbach busca o oposto da crítica de Xenófanes, enquanto o pré-socrático buscava a cisão dos deuses para com os homens, Feuerbach sustenta que ambos são na verdade criador (o homem) e criatura (Deus), por isso, a crítica feuerbachiana nega a teologia na medida em que a identifica como uma antropologia disfarçada. Desta forma, o objeto da teologia é o próprio homem e não um ser sobrenatural e todo poderoso. A religião representa a negação do homem para com a sua natureza, é o que o separa de si mesmo, é o afastamento da sua essência, é a negação dos seus instintos, é o resultado de sua fraqueza, é o subproduto de sua necessidade de sobrevivência. Assim Feuerbach afirma que ao criar Deus o homem se nega e retira de si toda a potencialidade e a deposita no abstrato, eu diria, um estado psicopatológico de histeria

coletiva. Um comportamento onírico, um estado constante de pré-consciência, onde adormecido o homem cria para si símbolos que fazem referência aos seus anseios mais primitivos. Deus, portanto, é o pai protetor, aquele que provém e que também pune, é a personificação de todas as nossas limitações físicas e psicológicas, é a consequência de nossa interação com a natureza hostil, é o caminho seguro sob o qual a humanidade preferiu seguir. A criação mais bem sucedida do homem.

A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa. O que é Deus para o homem é o seu espírito, a sua alma e o que é para o homem seu espírito, sua alma, seu coração, isto é também o seu Deus. Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor. (Feuerbach, 2013, p. 53-54)

### 2.3 Alienação, o ponto da virada

Se há um conceito importante para entender a crítica feuerbachiana este é o conceito de Alienação. Marx dará um novo sentido a partir da sua crítica ao idealismo alemão e na concepção do método dialético materialista que virá a desenvolver. Para Feuerbach, tal conceito refere-se ao ponto de virada no qual o homem enquanto criador da ideia de Deus, nega-se e se reposiciona no sentido oposto e passa a enxergar-se criatura de Deus:

Nesta negação, há uma alienação do homem com relação ao seu interior, ele passa a afirmar o ser sobrenatural, que é Deus. Nessa etapa, ao tentar construir o seu ser ou uma ideia de si mesmo, ele se perde em uma contradição interior, pois os enigmas religiosos o embarçam e o fazem inventar um ser mais forte que sua vontade e sua capacidade de discernimento. Em outras palavras, atordoado com essa sublimação de sua essência, o homem apela para as causas sobrenaturais, encontradas no viés alienante das religiões. Assim, nasce o domínio do ser puramente abstrato sobre o ser puramente concreto, real e imediato. Este não caminha mais com suas próprias escolhas, mas sua mente sempre se desloca e se subordina a Deus, aumentando o poder deste sobre aquele. O trabalho religioso está completo quando o homem não mais se reconhece como ser autônomo, necessita da atuação do ser que ele gerou, e a ilusão se apodera de sua vida. (Chagas et al., 2020, p.216)

Para Marx, essa negação se dá nas massas (força de trabalho, proletariado), que ao não terem consciência de sua força, aceitam ser subjugadas por um grupo minoritário de indivíduos que detêm a posse dos meios de produção (o capitalista). Só é possível ao capitalista sujeitar as massas por meio da alienação, assim como só é possível o conceito de Deus por meio da alienação do homem:

Marx nos dá então um sentido preciso à antiquada e confusa teoria da alienação, ao desembaraçá-la das interpretações místicas e metafísicas, ao separá-la de toda hipótese fantasiosa sobre a “queda do homem”, o “pecado”, a “decadência”, o “mal” etc. Ele demonstra que a alienação do homem não se define religiosa, metafísica ou moralmente. Ao contrário, os metafísicos, as religiões e as morais contribuem para alienar o homem, para arrancá-lo de si mesmo, para afastá-lo de sua natureza real e de seus verdadeiros problemas. A alienação do homem não é teórica e ideal, (...) é, acima de tudo, prática e se encontra em todos os domínios da vida prática. O trabalho é alienado, escravizado, explorado,

tornado exaustivo e esmagador. (...) O capital, essa forma de riqueza social, essa abstração (que, em certo sentido, e em si mesma, é somente um jogo de escritas comerciais e bancárias), impõe suas exigências à sociedade inteira, implicando uma organização contraditória da sociedade, ou seja, a escravização e o empobrecimento relativos da maior parte dela. (Lefebvre, 2011, p.42)

Alienar, também pode ser entendido como: retirar, subtrair, enganar, ocultar, manipular, negar. Todos são verbos que são definidos a partir da dominação e da imposição de alguma vantagem ao impositor. Aquele que retira, o faz por meio da violência, do mesmo modo o que engana, assim como o que oculta e o que manipula, tudo parte de do mesmo princípio violento. As massas são violentadas, a natureza é violentada por meio da alienação. Lefebvre (2011) concluiu: “A alienação do homem se descobre assim em sua extensão terrível e em sua real profundidade” (p.43).

Ressalto que é preciso entender que o propósito da crítica feuerbachiana gira em torno de “denunciar” os equívocos causados pela alienação da condição do homem em relação a Deus e o quanto foi danoso para a espécie humana que tenha se apegado a uma ideia infantil e embrutecedora. É essencial para a humanidade emancipar-se e negar o sobrenatural em detrimento da harmonia com a natureza, é preciso, portanto, negar Deus e tudo que fundamenta seu conceito para vencermos o obscurantismo das ideias religiosas e possamos enfim separarmo-nos. Não se trata, no entanto, de uma ideia progressista/utilitarista ou uma tentativa de hegemonização da humanidade tal qual fascismos se valem, trata-se de diagnosticar uma patologia que merece ser assim tratada e eliminada do corpo que afeta. Em Freud, a alienação é o sintoma da psicopatologia do homem que surge com a religião, isto é, a substituição dos traumas infantis do homem e da humanidade como um todo através da vida onírica:

Porque essa situação não é nova. Possui um protótipo infantil, de que, na realidade, é somente a continuação. Já uma vez antes, nos encontramos em semelhante estado de desamparo: como crianças de tenra idade, em relação a nossos pais. Tínhamos razões para temêlos, especialmente nosso pai; contudo, estávamos certos de sua proteção contra os perigos que conhecíamos. Assim, foi natural assemelhar as duas situações. Aqui, também, o desejo desempenhou seu papel, tal como faz na vida onírica. Aquele que dorme pode ser tomado por um pressentimento da morte, que ameaça colocá-lo no túmulo. A elaboração onírica, porém, sabe como selecionar uma condição que

transformará mesmo esse temível evento uma realização de desejo: aquele que sonha vê-se a si mesmo numa antiga sepultura etrusca a que desceu, feliz por satisfazer seus interesses arqueológicos. Do mesmo modo, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como com seus iguais - pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele -, mas lhes concede o caráter de um pai. (Freud,1928, p.6)

É preciso entender a religião e tudo que provém dela ou para ela, não como uma abstração ou uma ideia em si, mas uma ferramenta que serve aos interesses de minorias privilegiadas e que por isso deve ser devidamente estudada e criticada para que possamos identificar os sinais de sua ação sobre a humanidade.

Em seu sentido mais geral, Alienação quer dizer negar. Ao alienar-se o homem se nega diante de Deus como criador; diante de si mesmo como criatura; e diante de outros homens como força de trabalho.



### 3. A QUEM SERVE AS RELIGIÕES?

Desde que surgiram as primeiras manifestações religiosas, o seu uso para a dominação se tornou frequente. Quando a divindade passou a representar uma autoridade incontestável sobre os homens e justificou a dominação dos sacerdotes sobre a maioria da população, o uso do discurso religioso para fins políticos ficou ainda mais evidente. Ao contrário do que se pode imaginar, política e religião sempre andaram lado a lado no jogo de dominação. Uma relação mútua e análoga ao comensalismo.<sup>49</sup> Para além do domínio das teocracias, a religião sempre esteve por trás das decisões mais importantes de alguns regimes e quando se tentou a cisão definitiva dessa relação houveram resistências de proporções catastróficas. Deus sempre foi consultado para aconselhar decisões, desde as religiões mais antigas se buscava o Oráculo, se voltava aos Totens e subia-se aos Montes para conversar com Deus e receber suas orientações. O fato é que na maior parte das tradições religiosas, sejam monoteístas, politeístas ou animistas, sempre se recorreu às divindades para se estabelecer leis e fundar sociedades.

Quando Marx escreveu: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o âmago de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o *ópio* do povo”.<sup>50</sup> Quão grande foi a reação daqueles que se depararam com o peso de tamanha declaração. Todavia, algumas das impressões que se dá a essa declaração tendem a descontextualizá-la, o que acaba por suprimir o seu real significado. Para não incorremos no mesmo equívoco, primeiramente devemos contextualizar a época e os eventos no qual Marx estava de certa forma envolvido.

Escrito entre o Outono de 1843 e janeiro de 1844 e publicado neste mesmo ano nos *Deutsch-Französische Jahrbücher* (Anais franco-alemães) com o título original em Alemão: *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie* (Para a crítica da filosofia do direito de Hegel), este ensaio já trazia alguns aspectos da filosofia marxiana e evidenciava a influência de Feuerbach em sua juventude.

---

<sup>49</sup> “[Biologia] Associação de dois ou mais indivíduos de espécies diferentes, na qual o benefício dos comensais não resulta em prejuízo para o hospedador.” (Dicionário, 2024)

<sup>50</sup> Marx, 2008, p.6

A declaração de Marx se encontra logo na introdução de sua obra, no qual o autor refere-se de forma metafórica à postura da Grã-Bretanha que, durante a primeira guerra do ópio (1839-1842), entorpeceu a população chinesa para então dominá-la:

O comércio do ópio era lucrativo, mas as reações ao consumo dessa droga estavam provocando problemas sociais e econômicos para a China. Apesar das várias tentativas de se barrar esse comércio ilegal, o número de dependentes do ópio aumentava. Em 1839, o governo chinês decidiu aprofundar as restrições ao comércio e consumo da droga, destruindo 20 mil caixas do entorpecente, que pertenciam aos britânicos. (Higa, 2024)

Fica evidente que para Marx, a religião tal qual o ópio, é uma ferramenta que serve àqueles que buscam a dominação de um povo, entorpecidos os ânimos se amassam, tal qual a droga de ação analgésica, narcótica e hipnótica, também a religião com seus discursos e ritos exercem no crente efeitos semelhantes e por conseguinte, permite que indivíduos mal intencionados façam uso desses discursos em benefício próprio. Ideias religiosas se relacionam diretamente com valores antigos que uma vez exaltados garantem a simpatia das massas.

O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade. Este Estado e esta sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um *mundo invertido*. A religião é a teoria geral deste mundo, o seu resumo enciclopédico, a sua lógica em forma popular, o seu *point d'honneur* espiritualista, o seu entusiasmo, a sua sanção moral. O seu complemento solene, a sua base geral de consolação e de justificação. É a realização fantasmal da essência humana, porque a essência humana não possui verdadeira realidade. Por conseguinte, a luta contra a religião é indirectamente a luta contra *aquele mundo cujo aroma* espiritual é a religião. (Marx, 2008, p.5-6)

A humanidade precisa abandonar a sua necessidade de ilusões, precisa desapegar de sua fase infantil. É preciso abandonar a postura de filho e assumir-se como pai. É necessário encarar a realidade e viver tal qual a sua potência máxima. Precisamos abandonar o vale de lágrimas, mesmo que o nosso “destino” seja a natureza hostil e a temida finitude. Fora essa nossa necessidade de ilusões que permitiram a escalada dos impérios, dos nacionalismos fascistas e das ditaduras pelo

mundo. Entorpecidos pelo sentimento religioso, estamos sempre vulneráveis a essas anomalias que cedo ou tarde poderão levar-nos ao fim da nossa espécie. O antídoto contra esse mal que nos assola desde sempre, passa pela mudança de nossa postura frente a realidade, passa pelo fim da religião.

Nada de surpreendente há quando em pleno século XXI nos deparamos com a escalada da famigerada extrema-direita em todo o mundo ocidental. Um fenômeno que vem tomando força ano após ano, tanto na Europa, quanto nas Américas e que embora possuam interesses distintos, por se tratarem quase sempre de discursos nacionalistas, mas que enfrentam resistência devido a recente experiência da humanidade com o nazismo e o facismo, recorrem a um método que até então tem se mostrado muito eficaz: o uso de valores religiosos para justificar seus interesses. Líderes políticos que se quer demonstram alguma ligação direta com a religião, fazem uso de seus valores para atrair o máximo de apoio e alcançarem o poder. Dentre os casos mais emblemáticos recentes, a eleição de Donald Trump nos EUA em 2016 e a de Bolsonaro no Brasil em 2018, são exemplos de campanhas que obtiveram sucesso nas urnas por se sustentarem sobre discursos que privilegiavam valores caros aos fundamentalistas religiosos tão comuns em ambos os países. Deste modo, viu-se uma onda de discursos de ódio direcionados principalmente a minorias que por vários motivos, não corroboram com a ideia de mundo desses fundamentalistas.

A campanha eleitoral de 2018 foi recheada de evocações religiosas que afrontavam a laicidade do Estado, mas há quem não saiba (ou não se lembre) de que a reversão começou antes. Não é preciso recuar muito, basta lembrar da sessão da Câmara dos Deputados em 17/4/2016, que autorizou a abertura de processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. A votação foi aberta pelo presidente da Câmara, deputado evangélico Eduardo Cunha, artífice da convergência das bancadas da bala, do boi e da Bíblia, com o apelo: “Que Deus tenha misericórdia desta Nação”. (Cunha, 2023, p. 6)

Candidatos a presidente, a governador, senador e deputado, na campanha eleitoral de 2018, usaram e abusaram de apelos religiosos na busca de eleitores ou, em menor escala, na defesa contra ataques sofridos por motivos religiosos ou instrumentalizados por eles.(Cunha, 2023, p. 7)

A filosofia da religião parece ter outras prioridades neste momento, e por isso, privilegia o estudo dos conceitos de Deus ou a plausibilidade da sua existência, negligenciando o seu papel em manter viva a crítica aos usufrutos da religião de tempos em tempos. Por vários aspectos o nosso comportamento social se assemelha a práticas outrora superadas quando do surgimento da idade moderna, ainda mais com a anunciada morte de Deus<sup>51</sup> no final do século XIX, onde as ciências se emanciparam e alcançaram seus maiores resultados desde então. Os discursos moralistas, a prática de “caça-às-bruxas” hoje sob o nome de cultura do cancelamento, a propagação de pseudociências e de negações da ciência, além da tentativa por parte de líderes políticos de “ressuscitar Deus” e centralizá-lo no seio de nossa sociedade contemporânea. A filosofia por sua vez, parece não entender o seu papel neste momento e dá sinais de que comprou de forma definitiva a alcunha de “conhecimento irrelevante”, limitando-se quase que totalmente a uma vida acadêmica.

É preciso tomar as vezes do debate e contribuir com ideias que possam ajudar a nossa sociedade a combater o avanço desses novos fascistas. É preciso uma postura de práxis para que se some aos vários divulgadores científicos<sup>52</sup> que estão fazendo frente a essa escalada de obscurantismo.

---

<sup>51</sup> Em A Gaia Ciência § 125, Nietzsche declara: “Deus está morto”. Anunciando o fim da influência “metafísica” sobre a produção de conhecimento humano a partir da secularização das ciências e da filosofia.

<sup>52</sup> Diante da “onda” de negacionistas que se deu com a ascensão do chamado “olavismo” e que tomou força durante a pandemia da COVID-19, o trabalho de divulgadores científicos nas redes sociais tem sido fundamental para a conscientização da população sobre a importância de se considerar os avanços científicos, como as vacinas, os avanços na astronomia, entre outros.

### 3.1 Laicidade, o primeiro passo

Antes que venham por ocasião acusar este que vos escreve de incoerência é preciso deixar claro que quando defendo o fim da religião como meio para se alcançar a maturidade da humanidade, não pretendo a partir desta declaração acirrar os ânimos dos que vierem a concordar comigo para se promover uma escalada de perseguição aos cultos religiosos. Meu propósito é investigar o tipo de estrutura psíquica no qual os discursos religiosos encontram terreno fértil para se desenvolver. O que proponho é que entendamos estruturalmente e epistemologicamente o tipo de fenômeno que é comum tanto ao crente ou ateu, como ao dualista e ao materialista, a rede de crenças. Devemos, para tal, manter-nos críticos para com as nossas próprias convicções. Só assim, poderemos delimitar os espaços em que as religiões não mais nos causarão mal estar.

Enquanto isso, Bolsonaro não gastava argumentos, e se limitava a repetir: “Essa historinha de Estado laico [grifo meu], não. Este é um Estado cristão”. E seu lema de campanha juntou apelo religioso à tradução de verso de antigo hino alemão, muito valorizado pelos nazistas – *Deutschland über Alles* (Alemanha acima de tudo) –, também cara aos militares brasileiros. Ficou assim: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. (Cunha, 2023, p. 8)

Quando um político faz uso de discursos que englobam valores religiosos para promover-se em suas campanhas, ou quando crianças são sutilmente expostas à valores cristãos em nossas escolas, um direito básico para a nossa sociedade é ferido mortalmente, a laicidade. Em uma sociedade onde a quantidade de religiões existentes é enorme, a laicidade deve garantir o direito de cada indivíduo expressar suas crenças, assim como obrigá-los a respeitar as crenças alheias:

Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; (Brasil, ART. 5º, inc. VIII)

Naturalmente, um indivíduo que se encontra inserido numa “bolha social” onde a sua cosmovisão é enviesadamente confirmada por seu grupo (seitas religiosas, partidos políticos, grupos culturais), não perceberá o efeito que as suas declarações, quando excludentes, possam causar a indivíduos que não compartilham de sua visão de mundo. Deste modo, nasce um tipo de intolerância que tem como característica a total ignorância do indivíduo, em outras palavras, por não ter consciência de sua posição no mundo, as suas ações serão sempre reafirmadas e naturalmente não encontrará resistência por parte alguma. Todavia, o contexto em que nos encontramos atualmente não comporta mais interações deste tipo.

Pergunto: em se tratando de Brasil a nossa relação com as leis costuma ser incondicional? Será que os valores que defendemos publicamente, baseiam as nossas escolhas privadas? O quão conveniente pode ser para cada um de nós infringir alguma lei, ou negar algum valor? Se a nossa resposta for no sentido de que não temos compromisso incondicional com as leis e os valores de nossa sociedade, isto quer dizer que de algum modo manipulamos as leis e os valores de acordo com a nossa própria conveniência. Se assim for, podemos dizer, por exemplo, que uma lei de trânsito que pune motoristas por excesso de velocidade é comumente aceita pela sociedade por diminuir a quantidade de acidentes, mas que, quando este mesmo valor social que a lei defende é submetido à perspectiva individual, isto é, quando a lei é aplicada ao indivíduo ou a alguém de sua afeição nem sempre a perspectiva sobre a lei será positiva. Neste caso, nem a lei, nem o valor outrora respeitados são levados em conta, sendo logo substituídos por outro valor e outra lei, qual seja, o valor da corrupção e a lei da “malandragem”.<sup>53</sup>

Já vimos que as sociedades não emergem de bases religiosas, mas que religiões emergem de sociedades com finalidades quase sempre de dominação da natureza.. Logo, como produtos da relação social, as religiões não podem ser consideradas propriedades essenciais da civilização, mas propriedades acidentais.

---

<sup>53</sup>“Comportamento próprio de malandro, de quem gosta de viver de modo boêmio, sem trabalhar; malandrice. Ausência de atividade; falta de trabalho; vadiagem, ociosidade. Modo de vida de quem prefere agir irresponsavelmente, sem preocupações, buscando diversão. Qualidade de esperto, de quem é hábil, malicioso, ardil; malícia. Perspicácia e talento ao confrontar um inimigo ou adversário.” (Ribeiro, 2024)

Então, o fim das religiões não poderia implicar no fim da civilização. Se as sociedades são possíveis sem as religiões, o que impede que os valores e as leis que regem essas sociedades sejam imunes a princípios religiosos? É evidente que nada! Todavia, a quem interessaria a separação total do Estado e das religiões e como impedir que novas religiões se fundem a partir do culto ao Estado?

O Brasil é um Estado Democrático de Direito, isso significa que o país é administrado por três poderes que atuam de forma paralela para garantir o pleno funcionamento da democracia. Resumidamente, as nossas leis são produzidas pelos representantes legislativos (senadores, deputados federais e estaduais e vereadores), executadas pelo representante executivo (presidente, governadores e prefeitos) e validadas pelos representantes do judiciário (ministros, desembargadores e juízes), tudo organizado para que nenhum poder se imponha sobre o outro, garantindo o Estado democrático. Assim como os demais países do mundo, o Brasil possui seus símbolos nacionais (hinos, bandeiras e heróis), assim como suas instituições que garantem direitos básicos aos cidadãos (universidades, escolas, creches, hospitais, delegacias, quartéis, prisões, entre outros). Somos uma nação, onde as estruturas evidenciam a diferença entre as coisas públicas das coisas privadas e isso garante inclusive que cada indivíduo tenha o mínimo de liberdade para escolher seu conjunto de crenças (família, carreira, religião). Todas essas garantias e outras estão devidamente explicitadas na Constituição Nacional de 1988, dentre as quais, no Art. 5º, inciso VI — *é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*; então, a separação do aparelho legislativo da influência religiosa, deve ser prioridade para a garantia de uma sociedade laica.

Se buscamos uma separação total entre o Estado e a religião, devemos inicialmente neutralizar os espaços públicos, evitando elementos que fazem referência a quaisquer crenças religiosas. Devemos garantir que nossas leis e valores enquanto Estado não façam menção a nenhum valor tipicamente religioso. Se a proposta é de um Estado, cujas ações sejam neutras, não podemos aceitar de bom grado os feriados religiosos ou as padronizações de cidades em períodos típicos de festas religiosas como o natal cristão ou as festas juninas. Porém, é preciso deixar claro, que não se

trata aqui de se incentivar a proibição destas manifestações religiosas, mas garantir que tais manifestações não partirão de órgãos públicos ou daqueles que façam uso de seus cargos públicos com essa finalidade. Cada grupo religioso, cada família deve ter o seu direito assegurado de manifestar-se religiosamente, conforme rege a Constituição Federal. O Estado não! O Estado deve ser laico! Será que estamos dispostos a prezar por uma sociedade onde essas garantias possam ser asseguradas? Quanto da população poderíamos esperar para se alcançar um Estado definitivamente laico? Eis um primeiro passo difícil de ser dado.

Entendo que tal postura pode ser interpretada como radical, mas se o nosso móbil é a defesa de uma sociedade laica, não podemos querer menos que isso, ou o nosso objetivo não será alcançado. Precisamos garantir que nenhuma vida seja perdida por intolerância religiosa, que nenhuma guerra se justifique por influência religiosa, que nenhum indivíduo tenha a sua liberdade alienada por influência religiosa. É preciso que a nossa sociedade dê esse passo importante. É preciso combater o avanço criminoso do fundamentalismo religioso em nossas casas públicas.

Sociedades em que a laicidade não foi protegida como um valor essencial sofreram com a dominação de grupos religiosos extremistas que cassaram os direitos dos cidadãos e garantiram a hegemonia de poder a grupos minoritários e violentos. Assim se deu, por exemplo, o retrocesso causado no Afeganistão após o retorno do Talibã (grupo religioso extremista) ao poder, onde direitos básicos (principalmente de mulheres) vêm sendo negligenciados desde então.<sup>54</sup> O que impede que outras nações tenham o mesmo destino do Afeganistão? Qual será o limite entre um Estado laico e um Estado teocrático? Estamos atentos ao perigo do retrocesso? O que nossas autoridades estão fazendo para garantir o Estado laico?

O que vemos em noticiários diariamente é uma série de atitudes que ferem este princípio, desde episódios de intolerância religiosa ao uso de princípios religiosos para fundamentar leis e guiar decisões por parte das autoridades. Muito recentemente no Brasil, as campanhas eleitorais vêm sendo incorporadas por discursos religiosos e

---

<sup>54</sup>“Quando o Talibã assumiu o poder pela primeira vez no país, em 1996, o direito das mulheres à educação e ao emprego foi brutalmente suspenso. As afegãs só podiam sair de casa acompanhadas por um familiar do sexo masculino e eram obrigadas a usar uma burca que as cobrisse totalmente. Aquelas que desobedeciam as regras eram severamente punidas.” (G1, 2021)“



violentos, promovendo um estado maniqueísta, provocando conflitos e até mortes.<sup>55</sup> Não seria alarmismo afirmar que estamos a um passo de um Estado teocrático. O que presenciamos é o fortalecimento de grupos religiosos dentro das Câmaras de vereadores e deputados, assim como no Senado, e não é incomum que estes indivíduos que foram eleitos democraticamente para representar a população usem de princípios cristãos para produzir seus projetos de lei. Sendo muito comum, as pautas moralistas ou que privilegiam as cosmovisões cristãs, que ferem leis que garantem o direito de abortar, por exemplo, o que levou a vários episódios inconstitucionais recentemente:

Mesmo quando decisões judiciais são tomadas, tabus religiosos impedem ou dificultam sua execução, por vezes contando com apoio dos governos. Um exemplo dramático foi o caso de gravidez de menor de idade resultado de estupro. Como sabemos, a interrupção voluntária da gravidez é legal, no Brasil, em casos de estupro, de perigo para a saúde da mulher e de feto anencéfalo. Em março de 2009, ganhou notoriedade nacional a notícia de que o arcebispo de Olinda e Recife, José Cardoso Sobrinho excomungou a mãe e os médicos envolvidos no aborto de uma menina de 11 anos, grávida de gêmeos, que era violentada pelo padrasto desde os 9. Havia, nesse caso, duas razões que tornavam o aborto legal: o estupro e o perigo de vida para a menina. O prelado não excomungou a menina por ser menor de idade, e poupou o padrasto. No mês de agosto de 2020, nova versão da tragédia voltou a acontecer. A dificuldade de proceder à interrupção da gravidez de uma menina de 10 anos de idade, estuprada pelo marido de uma tia, ganhou as manchetes da imprensa brasileira – a favor e contra. O crime ocorreu em São Mateus (ES), cidade cujo juiz da Vara da Infância e da Juventude reconheceu ser legal o aborto por grave ameaça à vida da criança engravidada. O hospital universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, recusou-se a executar o procedimento, alegando razões que mal dissimulavam a adesão ao tabu religioso (postergar ao máximo o aborto, de modo a impor a gravidez indesejada até o fim) e o temor do pessoal médico diante de possíveis retaliações da parte dos militantes religiosos. O hospital público e universitário não realizou o procedimento legal, mas deixou a informação vazar, que chegou ao conhecimento da ministra Damares Alves, da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos. Ela enviou agentes do ministério a São Mateus para pressionar o Conselho Tutelar, cujos membros foram seduzidos com benefícios materiais (veículo e equipamento de

---

<sup>55</sup> “Um homem, identificado como Benedito Cardoso dos Santos, de 42 anos, foi assassinado na noite de quarta-feira (7), com golpes de faca e machado, durante uma discussão por questões políticas. Ele era apoiador do candidato à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O autor do crime, Rafael Silva de Oliveira, de 24 anos, é apoiador do atual presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro (PL). As informações são da Polícia Civil.” (Mouro et al., 2022)

escritório). Médicas de um hospital de Jacareí (SP) assediaram a avó da menina, com a promessa de atendimento durante a gravidez, desde que aceitasse concluí-la. Diante da pressão, a menina foi levada por familiares, acompanhados de assistente social capixaba para Recife (PE), onde foi atendida no Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros, hospital estadual de referência no atendimento à saúde da mulher. O presidente da CNBB declarou que, mesmo legal, o aborto da menina era um crime hediondo, cometido pelos responsáveis e pela equipe médica. A ministra Damares não se manifestou publicamente sobre o assunto, mas integrantes de sua equipe foram a Recife participar da pressão sobre o pessoal médico do CISAM, visando interromper o procedimento. Militantes religiosos fizeram aglomerações diante do hospital e dados do médico responsável foram divulgados pelas redes sociais, além do nome da menina, o que é vedado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Ao fim e ao cabo, a interrupção da gravidez da menina foi realizada, mas de modo quase clandestino, apesar de ser legal por previsão constitucional. (Cunha, 2023, p.51)

Quando as autoridades de uma nação não respeitam as leis, um sintoma muito grave se mostra e a saúde da democracia é abalada. Precisamos garantir que episódios como o narrado acima, não ocorram mais e que a laicidade seja respeitada como um valor caro à nossa sociedade democrática. Para isso é necessário vigiarmos incansavelmente nossas casas legislativas e desenvolvermos meios de conscientizar a população como um todo.

### 3.2 Porque a crítica da religião é necessária

Não se pode negar o papel da religião como parte importante nas composições das bases culturais observadas. Todavia, é preciso que haja sempre um contraponto, isto é, uma crítica ativa para que os discursos religiosos não se transformem em leis universalizantes. Tais “verdades” tomadas como leis induzem aos que são legislados por elas a agirem de forma intolerante e frequentemente colonizante. A história das religiões nos mostram muito desse potencial. Mesmo quando o senso comum adota uma visão crítica a respeito das religiões, geralmente o faz por intermédio de outra forma de dominação, seja por outra religião, seja por outras formas de ideologias. Deve-se, portanto, ter em mente que a crítica deve ser direcionada não ao gênero religioso, mas à espécie, o tipo específico de visão de mundo (*Weltanschauung*), isto é, deve se criticar o que faz da religião uma potencial arma de dominação, assim como todas as consequências do uso “bélico” desses fenômenos, tão comum no curso da história humana.

Enquanto as guerras de narrativas não ultrapassam os limites do argumento não se pode afirmar que haja efetivamente um dano em curso. Aliás, é considerado saudável que visões diferentes sobre o mundo coexistam e dialoguem, afinal, para cada indivíduo uma visão de mundo, para cada visão de mundo uma narrativa, para cada narrativa uma argumentação, para cada argumento uma verdade. O problema se mostra quando os discursos ultrapassam os limites destes argumentos e tornam-se práticos. Estas verdades materializadas tornam-se objetos práticos da dominação, principalmente quando estão em posse daqueles que anseiam pelo poder. Só os seres humanos criam religiões, assim como só os seres humanos fazem guerras *stricto sensu*. Para Feuerbach: “A religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal - o animal não tem religião.” (Feuerbach, 2013, p. 41)

A questão é: a atuação do homem no curso da história, isto é, as várias formas de dominação violentas ou não, as guerras, as cruzadas, as colonizações, as revoluções, parecem carregar ao menos um ponto em comum e, ao que tudo indica, este é o tipo de pensamento religioso. Partindo desta hipótese, se faz necessário uma investigação sobre o que caracteriza o pensamento religioso em suas mais diversas facetas, pois é preciso entender de dentro para fora o que motiva comportamentos

discriminatórios que culminam em verdadeiros massacres. Esta análise deve expor as entranhas deste colosso, para que se encontre um meio de combatê-lo com mais eficiência, é preciso negar a importância e a necessidade deste comportamento para que, quem sabe a humanidade possa encontrar o caminho de uma atuação menos destrutiva em sua relação com o mundo. Por isso a crítica da religião ainda é relevante e necessária, o homem não deve se apoiar em muletas que induzem a sua própria destruição enquanto espécie. Não se trata, portanto, de afirmar que a religiosidade não teve sua importância na consolidação das sociedades humanas, aliás, seria desonesto de minha parte atribuir às religiões toda a responsabilidade pelos comportamentos destrutivos da espécie humana, porém é preciso que se levante a hipótese de que no contexto em que a nossa espécie está inserida neste momento histórico, as visões “individualistas” de mundo causam muitos mais “prejuízos” à economia evolutiva. Isto é, as religiões se tornaram atributos custosos à nossa espécie, e assim como em dado momento de nosso processo evolutivo, nossos apêndices tornaram-se “inúteis” devido a nossa mudança de comportamento<sup>56</sup>, neste caso em relação à forma como passamos a nos alimentar, deve-se inutilizar o pensamento religioso para que a humanidade possa alcançar um novo momento em sua história, não guiado pelo misticismo, pela segregação, racismo, patriotismo, entre outras anomalias sociais. Foi com a manipulação do fogo que mudamos a forma como nos alimentamos, assim deve ser com a chama do conhecimento livre de influências místicas que se deve elevar a humanidade a uma nova realidade.

---

<sup>56</sup> Sobre a função do apêndice no corpo humano, embora encontre-se muitas ressalvas para as contribuições de Charles Darwin nesse sentido, tomo emprestada esta lógica darwiniana não para afirmá-la, mas para usá-la como analogia ao processo evolutivo que suponho estar presente nas sociedades humanas, onde as religiões tornam-se obsoletas à medida em que as necessidades que as condicionam são sanadas por outros meios. “Pois a seleção natural atua ou pela adaptação atual das diferentes partes de cada ser para suas condições orgânicas e inorgânicas de vida; ou por ter adaptado essas partes no passado durante longos períodos, sendo as adaptações auxiliadas em alguns casos pelo uso e desuso, sendo levemente afetadas pela ação direta das condições de vida e estando, em todos os casos, submetidas às várias leis do crescimento. Portanto, na verdade, a lei das condições de existência é a lei maior, pois nela está incluída a lei da unidade de tipo por meio da hereditariedade das antigas adaptações.” (Darwin, 2018, p.216)

É preciso que a humanidade abandone a sua atitude “narcísica”<sup>57</sup> e assuma a sua postura “médica”<sup>58</sup>, isto é, o *Homo Sapiens* deve abandonar o encanto por sua imagem refletida e aceitar o seu trágico destino enquanto aquele que só encontrará a sua realização quando por fim à ideia de deus.

Não podemos separar a história da humanidade da história das religiões, mas isso não significa que o fenômeno religioso seja necessário para a humanidade. Como vimos, a religião pode ser estudada sob vários aspectos, mas não pode ser estudada separada do homem. Todos os filósofos que abordamos aqui diagnosticaram a antropomorfização dos fenômenos no mundo como sintoma da nossa limitação cognitiva, desde os eventos naturais mais corriqueiros aos conceitos mais complexos sobre a composição do universo, o homem está limitado ao raciocínio lógico causal:

Quanto ao Deus como criador do universo, como princípio causal e final, Feuerbach explica como sendo um produto da limitação da nossa ciência. O homem não pode conceber algo que não seja fabricado e que não sirva a um determinado fim, porque ele próprio fabrica as coisas que servirem a alguma finalidade. Por isso não suporta a ideia de um universo eterno, incriado, e pergunta: De onde veio tudo isto? (Feuerbach, 2013, p.9)

Nietzsche descreve o mundo como sendo um estado permanentemente caótico onde as noções de causalidade não condizem com a realidade definitiva, isto é, as nossas impressões sobre o mundo são meros recortes, tentativas antropomórficas de negar o fluxo natural. Em *A Gaia Ciência*, ele afirma:

---

<sup>57</sup> “Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida na fonte e pensou que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. (...) Apaixonou-se por si mesmo. (...) Esqueceu-se de toda a ideia de alimento ou repouso, enquanto se debruçava sobre a fonte, para contemplar a própria imagem.” (Bulfinch, 2006, p. 108) Assim como ocorreu com o personagem mitológico Narciso, a humanidade ao deparar-se com a sua própria imagem refletida nos deuses ou na própria natureza passaram a adorá-los e por muitas vezes esquecem de suas próprias necessidades e por fim definham alienados de sua natureza de criador.

<sup>58</sup> “Medéia invocou aos deuses, pedindo vingança, mandou um vestido envenenado à noiva como presente de casamento, e depois de ter matado os próprios filhos e incendiado o palácio, subiu no carro puxado por serpentes e fugiu para Atenas, onde se casou com o Rei Egeu, pai de Teseu.” (Bulfinch, 2006, p. 108) Aqui, refiro-me ao aspecto filicídio de Medéia, assim como a personagem mitológica mata seus próprios filhos para selar o seu destino, assim a humanidade deve “matar” a Deus para alcançar um novo estado de consciência. Embora, muitos filósofos já consideram que a morte de Deus é um fato consumado, como Nietzsche declara: “Será possível! Este santo ancião em sua floresta, ainda não ouviu dizer que Deus morreu?” (Nietzsche, 2008, p. 22), chamo a atenção para a presença do modo de pensar metafísico ainda muito ativo em nossa cultura.

A ordem astral em que vivemos é uma exceção; essa ordem e a considerável duração por ela determinada tornaram possível a exceção entre as exceções: a formação do elemento orgânico. O caráter geral do mundo, no entanto, é caos por toda a eternidade, não no sentido de ausência de necessidade, mas de ausência de ordem, divisão, forma, beleza, sabedoria e como quer que chamam nossos antropomorfismos estéticos. (Nietzsche, 2012, p. 126)

Hume em sua obra *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. (1748 - 1751), afirma:

Quando olhamos para os objetos ao nosso redor e consideramos a operação das causas, não somos jamais capazes de identificar, em um caso singular, nenhum poder ou conexão necessária, nenhuma qualidade que ligue o efeito à causa e torne o primeiro consequência infalível da segunda. De fato, tudo que descobrimos é que o efeito realmente se segue à causa. O impulso da primeira bola de bilhar é acompanhado do movimento da segunda, e isso é tudo que é dado aos nossos sentidos externos. Quanto a algum sentimento ou impressão interna, essa sucessão de objetos não faz a mente experimentar nada desse tipo. Não há, conseqüentemente, em nenhum caso particular, isolado, de causa e efeito, nada que possa sugerir a ideia de poder ou de conexão necessária. (Hume, 2004, p. 98 e 99)

Como abordado no primeiro capítulo deste trabalho, as religiões provavelmente surgiram como subproduto de uma propensão selecionada evolutivamente que é benéfica para a espécie, que permite e limita a nossa capacidade cognitiva, fazendo com que entendamos o mundo através de crenças. Assim como, eventos externos ao homem como as ações da natureza e a descoberta/invenção da agricultura, proporcionaram o surgimento deste fenômeno em suas mais variadas formas.

Entendo, que enquanto a humanidade necessitar de totens para representar os seus traumas infantis, a religião e seus problemas estarão presentes lado a lado da história da humanidade. Enquanto não desapegarmos de nosso brinquedo favorito (Deus) seremos eternas crianças. É preciso ir além da nossa própria imagem, é preciso amadurecer e enxergar o mundo para além dos nossos próprios limites.

### 3.3 Mais ciência, menos Deus

É preciso darmos o golpe definitivo na ilusão religiosa. Precisamos romper de vez com os dualismos. A ciência tem um papel importante nesse movimento de emancipação da humanidade. Longe de uma visão positivista da ciência, esta deve ter o seu papel revisado e jamais deverá tomar o lugar ocupado pela religião. Conheceremos a verdade e ela nos libertará. Conhecer a verdade é conhecer as causas últimas. É abandonar tudo que nos obscurece a visão; abandonar o mundo das ideias; abandonar o numeno; abandonar as mônadas; abandonar o reino dos céus. Precisamos de alternativas que não precisem de dogmas e que possam explicar-se sem apontar para fora dessa realidade.

Talvez, o principal aspecto na nossa natureza que nos impeça de pôr um fim em toda suposição metafísica, seja a relação da nossa mente com o mundo. Também por isso, uma das áreas mais ativas da filosofia desde o século XIX é a da filosofia da mente. O principal problema abordado pelos filósofos da mente é o da relação mente-corpo, cuja discussão gerou ao longo do tempo inúmeras teorias filosóficas dualistas e monistas. Segundo MASLIN (2009, p.39): “A afirmação básica do dualista é a de que o ser humano é composto de duas entidades distintas: uma alma ou mente, que não é física, e um corpo físico”.

Dentre as teorias dualistas, uma das mais relevantes para o estudo da mente é a desenvolvida por Descartes nas obras *Discourse on the Method* (1637) e *Meditationes* (1642), onde ele desenvolve a teoria da *res cogitans* e *res extensa*. Resumidamente, podemos entender a partir dessa concepção cartesiana que nós somos seres que possuímos duas substâncias: a substância pensante (alma ou mente) e a substância física (corpo físico), cuja relação se dá do mental para o físico, sendo a alma a parte imutável (entenda-se imortal, infinita) e o corpo físico a parte corruptível (entenda-se mortal, finita) o que corrobora com o princípio cristão de que a nossa realidade material é apenas uma instância da existência, onde o nosso propósito ou finalidade é preparar a nossa parte imortal para um dia morar na casa do Senhor.<sup>59</sup> Parece evidente, que

---

<sup>59</sup> “Primeiramente, uma vez que sei que todas as coisas que concebo clara e distintamente podem ser produzidas por Deus tais como as concebo, é suficiente que eu possa conceber clara e distintamente uma coisa sem outra para estar certo de que uma é distinta ou diferente da outra, porque podem ser

Descartes não pretendia elaborar nenhuma reflexão crítica de fato a respeito das narrativas bíblicas, talvez por ser devotadamente cristão ou simplesmente por temer algum tipo de perseguição por parte da igreja, algo tão corriqueiro em seu tempo. O que importa é mostrar, que tal trabalho filosófico, ao invés de contribuir para o esclarecimento da humanidade, como foram todas as suas contribuições para a ciência.<sup>60</sup>Neste caso, Descartes deu alguns passos para trás.

Depois de Platão, o mais famoso expoente do dualismo foi René Descartes (1596-1650). O novo ímpeto que Descartes deu ao dualismo foi tão surpreendentemente original e atraente que a versão por ele formulada é chamada de dualismo cartesiano, em sua homenagem. A agenda para o moderno debate sobre a natureza da mente foi, assim, estabelecida por Descartes em escritos tais como *The Discourse on the Method* (publicado em 1637) e *Meditations* (publicado em 1642). O dualismo cartesiano, à semelhança da variante platônica, afirma que uma pessoa é uma mesma coisa que uma alma incorporada, uma substância lógica imaterial destituída de todos os elementos de corpos materiais e, particularmente, de extensão, pois a alma não tem nem comprimento, largura ou profundidade, e, conseqüentemente, não ocupa volume no espaço. Ela é, portanto, em princípio, indivisível, pois é impossível ter-se uma metade ou um sexto de uma alma. A indivisibilidade da alma tem sido usada como uma prova alegada da sua imortalidade, com base no argumento de que somente coisas que podem se deteriorar em partes são perecíveis. (Maslin, 2009, p.46-47)

---

estabelecidas separadamente, ao menos pela onipotência de Deus; e não importa por qual poder essa separação seja realizada para ser obrigado a julgá-las diferentes. E, portanto, pelo próprio autoconhecimento certo que existo, e que, entretanto, não discirno pertencer necessariamente nem uma outra coisa à minha natureza ou à minha essência senão ser eu uma coisa que pensa, concluo muito positivamente que minha essência consiste nisto somente: nomeadamente que sou uma coisa que pensa, ou uma substância cuja essência total ou natureza é tão só pensar. E ainda que talvez (ou melhor, com certeza, como logo o direi) eu tenho um corpo ao qual estou muito estreitamente unido, a despeito disso, porque por um lado tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou somente uma coisa que pensa e não extensa, e por outro tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que este é somente uma coisa extensa e que não pensa, é certo que esse eu, isto é, minha alma, pela qual sou o que sou, é completa e verdadeiramente distinta de meu corpo, e pode ser ou existir sem ele.” (Descartes, 2016, p.111-112)

<sup>60</sup> “Embora fosse um cientista e um matemático, Descartes soa como São Paulo quando fala a respeito da separação do corpo e da mente, também conhecida como *dualismo*. Ele sustentava uma visão do mundo físico e considerava a mente imbuída pelo espírito. Descartes acreditava que um corpo sem espírito ainda poderia ser uma entidade animada, como um andróide. Os sentimentos ou paixões, conforme ele as chamava, deveriam estar sob suspeita e deveriam ser mantidas sob controle. Essa é uma reviravolta filosófica no conceito do Novo Testamento que afirma que “o espírito tem boa vontade, mas a carne é fraca”. A ideia de que a mente pode conhecer as coisas sem as ter de fato experienciado é chamada *racionalismo*.” (Mannion, 2010, p.88)



Em se tratando de monismos as teorias também não podem ser assim entendidas como “definidoras” da realidade, visto que boa parte das teorias monistas resolve ignorar a existência do mental, o que por si só já se mostra problemático. Para ilustrar meu argumento destaco uma teoria monista muito relevante inclusive para as ciências empíricas, trata-se do fisicalismo, isto é, a concepção de que tudo pode ser reduzido à instância física<sup>61</sup>. Por se tratar de um reducionismo “violento”, esta teoria tem sido alvo de muitas objeções por parte de filósofos, principalmente a sua variante mais radical, o materialismo eliminatório:

O que distingue essa teoria é que não só pretende mostrar que quando falamos sobre estados mentais estamos realmente falando sobre estados cerebrais, mas que temos de desistir completamente de falar sobre estados mentais. Não só não há estados mentais que existam sobre e acima de itens físicos, mas o próprio conceito de mental e o vocabulário mediante o qual encontra sua expressão têm de ser apagados de nossos hábitos de pensamento e fala. (Maslin, 2009, p.100-101)

Não parece consistente ignorar que temos estados mentais como as sensações e as crenças, por exemplo, ou deduzir que estes são apenas produto de uma suposta máquina inteiramente física que através de impulsos elétricos simula toda a nossa consciência. Não nos interessa para fins do debate aprofundarmo-nos em todos os problemas que esta teoria poderá causar, todavia, gostaria de compartilhar ao menos uma relevante objeção ao materialismo eliminatório, tal qual destacado por Maslin (2009), o argumento de Norman Malcolm, criticando Katherine Wilkes:

---

<sup>61</sup> FISICALISMO (in. Physicalism, fr. Physicalisme, ai. Physikalismus; it. Fisicalismo). Nome proposto por Neurath (em Erkenntnis, 1931. p. 393) como denominação do Círculo de Viena, que via na linguagem o campo de indagação da filosofia, para acentuar o caráter físico da linguagem. Esse termo foi aceito por Carnap, para indicar o primado da linguagem física e sua capacidade de valer como linguagem universal: "A linguagem da física", diz Carnap, "é uma linguagem universal, pois abrange os conteúdos de todas as outras linguagens científicas. Em outras palavras, cada proposição de um ramo da linguagem científica é eqüipolente a algumas proposições da língua fisicalista e pode, portanto, ser traduzida para ela sem mudar seu conteúdo" (Philosophy and Logical Syntax, 1935, p. 89). Essa tradutibilidade das proposições significantes para uma proposição da física foi chamada F., que constituiu a idéia diretiva da Enciclopédia da ciência unificada (v. EMPIRISMO LÓGICO; ENCICLOPÉDIA). Contudo, num segundo momento Carnap interpretou o F. como a redutibilidade de todas as expressões lingüísticas à linguagem coisal (v.) e não à forma particular de linguagem coisal, que é linguagem física ("Testability and Meaning", em Readings in the Phil. of Science, 1953, pp. 69-70). (Abbagnano, 2007, p.464-465)

Que solução maravilhosa! Uma expressão é substituída por outra. Isso eliminaria o discurso da sensação? De forma alguma. Pois a nova expressão não tomaria o lugar da expressão familiar; a menos que a ela fosse atribuído o mesmo uso. Por exemplo, a expressão de primeira pessoa “minhas fibras C estão disparando” não teria de ser usada como uma expressão imediata de sensação, não como uma hipótese sobre o que está acontecendo no cérebro do falante, nem como um relato de uma observação feita com o auxílio de instrumentos. Mas, então, nada teria mudado, a não ser um pouco de terminologia. (Armstrong e Malcolm, 1984, p.99 *apud* Maslin, 2009, p.102)

A exposição dos exemplos de teorias da mente servem, ao menos no primeiro caso (dualismo) para reforçar a premissa de que somos de alguma forma condicionados a interpretar o mundo através de dicotomias, conforme discutido por várias vezes neste trabalho. No caso das teorias dualistas, estas parecem fazer uso da mesma estrutura lógica na qual se baseiam as narrativas religiosas. O que nos leva a concluir que essas teorias estão mais próximas de um dogmatismo do que de uma argumentação científica. O segundo exemplo, nos serve para atentarmos para o perigo e a inconsistência de radicalizações e se assemelha tão somente a outras características dos discursos religiosos, uma simplificação esdrúxula, pra dizer o mínimo.

O que fica evidente, suponho, é que o tipo de pensamento (estrutura cognitiva, discurso, modelo) no qual as diversas religiões se sustentam e que continua a influenciar o fazer filosófico e científico de forma massiva. Conforme sugerido no início deste tópico, eu reforço que precisamos nos desapegar desse tipo de cosmovisão. É preciso que aceitemos a boa nova comunicada aos quatro cantos pelo homem louco: Deus está morto!<sup>62</sup> É preciso deixá-lo descansar em paz para que a humanidade,

<sup>62</sup> O homem louco. – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele. “Já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda „em cima” e „em baixo”? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado

passado o tempo de luto, possa agora tomar as vezes de pai e abandonar suas fraldas sujas.

Não podemos, de forma alguma, reduzir as teorias da mente em duas vias, é preciso deixar claro que muitas são as teorias que não são nem dualistas, e nem tão pouco monistas, ou aquelas que são em alguma medida um pouco de cada uma, dentre as quais destacarei a teoria que ao meu ver é a melhor candidata para ajudarmo-nos a superar (ao menos quando se trata dos estudos sobre a mente) os limites da dicotomia e da radicalização. Trata-se das teorias Pampsiquistas.

A proposta do Pampsiquismo é, literalmente: “Tudo-tem-mente”. Todavia, não se trata de um dualismo de substância e muito menos de um monismo redutivo. Nesta cosmovisão, tudo que existe no universo é constituído de uma mesma substância e que possuem as propriedades de serem físicas e de serem mentais. Descartando, a possibilidade de uma explicação puramente metafísica para a causa da mentalidade. Em suma, os pampsiquistas defendem que “os blocos básicos que compõem o universo” possuem ao menos alguma parcela de mentalidade, isto é, das partículas mais simples (no sentido cartesiano) e sem consciência (isto é, que não podem experienciar o mundo) aos seres mais complexos e conscientes, todos são físicos e mentais. Uma das melhores definições de Pampsiquismo encontra-se no verbete sobre o tema na Stanford Encyclopedia of Philosophy:

Pampsiquismo é a visão de que a mentalidade é fundamental e onipresente no mundo natural. Esta visão tem uma longa e venerável história nas tradições filosóficas tanto do Oriente como do Ocidente, e recentemente desfrutou de um renascimento na filosofia analítica. Para os seus proponentes, o pampsiquismo oferece um meio-termo atraente entre o fisicalismo, por um lado, e o dualismo, por outro. A preocupação com o dualismo – a visão de que a mente e a matéria são tipos de

---

grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!” Nesse momento, silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempos, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e no entanto eles o cometeram!” – conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu *Requiem aeternam deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: “O que são ainda as igrejas, senão os mausoléus e túmulos de Deus?” (NIETZSCHE, 2012, §125).

coisas fundamentalmente diferentes – é que nos deixa com uma imagem radicalmente desunificada da natureza e com a profunda dificuldade de compreender como a mente e o cérebro interagem. E embora o fisicalismo ofereça uma visão simples e unificada do mundo, isso acontece, sem dúvida, ao custo de ser incapaz de dar uma explicação satisfatória da emergência da consciência humana e animal. O pampsiquismo, por mais estranho que possa parecer à primeira vista, promete uma explicação satisfatória da mente humana dentro de uma concepção unificada da natureza. (Goff, 2001)

Embora alguns filósofos tenham tentado relacionar esta cosmovisão com a doutrina metafísica chamada de panenteísmo, a princípio, o traço mental característico de todas as coisas no universo não precisam necessariamente relacionar-se com nenhuma inteligência superior. O debate sobre este tema é longo e seria preciso a produção de muitas laudas para nos aprofundarmos nele, visto a proporção que estas questões ocupam nos debates filosóficos desde o século XIX. Todavia, o que importa com a exposição deste conceito (pampsiquismo) é mostrar que o fazer filosófico e científico não precisa estar limitado nem ao dualismo, nem tão pouco ao monismo. E que as nossas produções de conhecimento podem surgir livres de qualquer tipo de pensamento “mágico” ou obscuro. É possível secularizarmos de vez a nossa produção de conhecimento, para quem sabe assim, não incorreremos nos mesmos erros daqueles que nos antecederam.

#### 4. CONCLUSÃO - UMA SÍNTESE DA PSICOPATOLOGIA DENOMINADA RELIGIÃO

Aos que tiveram a paciência de chegar até aqui, devo-lhes uma conclusão. Antes de tudo, farei *mea culpa* se em alguns momentos me expressei de forma ácida e, que porventura eu tenha causado alguma ânsia ou desconforto que seja em vós. Mas, comprometido com a tarefa que me coube, não poderia ser menos, nem mais. Entrego-lhes em justa medida o resultado de minha pesquisa transdisciplinar.

O que podemos extrair de todo esse debate sobre as religiões é que, primeiramente, desenvolvemos por meio de seleção natural a capacidade cognitiva de crer, assim como a de interpretar o mundo através de uma relação causal. Ambos, fatores decisivos para o surgimento dos cultos religiosos mais diversos.

Em segundo lugar, a nossa relação com a natureza, nos induziu a organizarmo-nos em grupos que foram se tornando cada vez maiores e que vieram a demandar organizações com códigos e leis com o intuito de defender a maior parte dos indivíduos da tirania de poucos - o que ao meu ver não deu muito certo, visto a lógica capitalista que permeia a nossa sociedade, poucos continuam massacrando muitos. Deste modo, as religiões surgiram como um sistema capaz de garantir a supressão dos instintos da maior parte dos indivíduos.

Em terceiro lugar, a nossa relação com a ideia de Deus nada mais é do que a sublimação dos nossos desejos reprimidos desde a infância, seja no indivíduo, seja na humanidade como um todo. Deus é o pai a quem devemos nos agarrar para suportar a realidade que pretendemos negar. A humanidade é uma criança que se nega a crescer.

Em quarto lugar, a nossa imagem refletida no lago da existência nos petrificou tal qual Narciso, isto é, a nossa melhor criação (Deus) confundiu-se conosco tamanha a sua semelhança com o criador (O Homem), impedindo a nossa emancipação e condenando a humanidade a uma eterna infância, tal qual *Peter Pan*.

Em quinto lugar, precisamos estar atentos aos perigos do fundamentalismo religioso em nossas democracias, sob a pena de retrocedermos aos sombrios tempos de trevas das teocracias.

Em sexto lugar, para que haja um diálogo com a sociedade sobre os perigos da influência das religiões nos Estados Democráticos, se faz necessário que a filosofia não

fuja do debate, mas que se comprometa com o estudo dos novos conceitos do fenômeno religioso, preservando um viés laico.

Em sétimo lugar, precisamos buscar meios de se pensar a realidade sem apelar para dogmatismos. Não negamos toda a importância que as religiões tiveram para as civilizações, mas ressalvo que precisamos ultrapassar as barreiras impostas por ela, em outras palavras, a humanidade precisa amadurecer e para isso é preciso largar tudo aquilo que nos mantém infantis.

Por fim, é preciso aceitar que estamos doentes e que precisamos de cura. Arrisco dizer que a nossa cura passa primeiramente pela negação do além.

## 5. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi, Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Patrística - O livre Arbítrio**. 1. ed. São Paulo, Brasil: Paulus, 1997. v. 8.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução: Giovanni Reale. São Paulo - SP: Edições Loyola, 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 de Julho de 2024.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia**: Histórias de deuses e heróis. Tradução: David Jardim. Rio de Janeiro - RJ: Ediouro, 2006.

CHAGAS, Eduardo F. *et al*, (org.). **A Filosofia Crítica de Feuerbach**: Natureza, Homem e Deus. Porto Alegre - RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <https://www.editorafi.org/000feuerbach>. Acesso em: 4 ago. 2011.

COOPER, John W. **Panentheism—the other God of the philosophers : from Plato to the present**. Michigan: Baker Academic, 2006.

CUNHA, Luiz A. **Retrocesso na Laicidade do Estado no Quadriênio Bolsonaro (2019-2022)**. [S. l.], 2023. Disponível em: [https://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/independente/1675180498\\_069651\\_quadri\\_nio.pdf](https://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/independente/1675180498_069651_quadri_nio.pdf). Acesso em: 12 ago. 2011.

DARWIN, Charles. **A origem das Espécies**. Tradução: Daniel Moreira Miranda. 5. ed. São Paulo - SP: Edipro, 2018.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. Tradução: Fernanda Ravagnani. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2007.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução, prefácio e notas: João Cruz Costa. [Ed. especial]. Rio de Janeiro - RJ: Nova Fronteira, 2011.

DESCARTES. René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas: Edson Bini; apresentação Fábio Abreu dos Passos. São Paulo - SP: Edipro, 2016.

DICIONÁRIO Online de Português. *In*: **Comensalismo**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/comensalismo/>. Acesso em: 15 set. 2024.

DK LONDRES (Londres, Nova York, Melbourne, Munique e Nova Déli). **O Livro da Filosofia**. Tradução: Douglas Kim. São Paulo - SP: Globo, 2011.

ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã**. Neue Zeit, Stuttgart, 1888.

FRAZER, Sir. James G. **O Ramo de Ouro**. Prefácio: Professor Darcy Ribeiro Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro- RJ: Zahar Editores, 1982.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções Sobre a Essência da Religião**. Tradução: José da Silva Brandão. Petrópolis - RJ: Vozes, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Tradução: José da Silva Brandão. 4. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2013.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão**. Tradução: W.D Robson-Scott. Londres: Hogarth Press e Instituto de Psicanálise, 1948.

G1. *In*: **Afeganistão: como era a vida das mulheres antes do Talibã**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/06/afeganistao-como-era-a-vida-das-mulheres-antes-do-taliba.ghtml>. Acesso em: 9 ago. 2024.

GOFF, Philip *et al.* Stanford Encyclopedia of Philosophy. *In*: **Panpsychism**. [S. l.], 2001. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/panpsychism>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GOMES, Matheus dos Reis. Filosofia, Religião e Teologia em Xenófanes de Cólofon. **Revista Pandora Brasil**, [s. l.], v. 1, p. 1, 2019

HARARI, Yuval N. **Sapiens - Uma breve história da humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. 36. ed. Porto Alegre - RS: L&PM, 2018.

HIGA, Carlos C. **Mundo Educação**. *In*: Guerra do Ópio. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-opio.htm>. Acesso em: 17 set. 2024.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Tradução: José Carlos de Almeida Marques. São Paulo - SP: Unesp, 2004.

HUME, David. **História Natural da Religião**. Tradução, apresentação e notas: Jaimir Conte. São Paulo - SP: Unesp, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Tradução: William Lagos. Porto Alegre - RS, L&PM, 2011.



LIMA, João Paulo Araújo Pimentel. A influência de Ludwig Feuerbach na filosofia de Enrique Dussel. **Kínesis**, [s. l.], v. 8, nº 18, p. 172-180, 2016

LOPES, Luis Felipe. A filosofia da religião em David Hume: irreligiosidade e religiosidade limitadas. **Atualidade Teológica**. Ano XVII, nº44, 2013, p.344-365.

MANNION, James. **O Livro Completo da Filosofia: entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores: de Sócrates a Sartre**. Tradução: Fernanda Monteiro dos Santos. 6. ed. São Paulo - SP: Madras, 2010.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução: Artur Morão.Covilhã: LusoSofia, 2008, p.5-21.

MASLIN, K. T. **Introdução à Filosofia da Mente**. Tradução: Fernando José R. da Rocha. 2. ed. Porto Alegre - RS: Artmed, 2019.

MELO, Kelvin Amorim de. A Gênese Psicopatológica da Religião em Feuerbach e Freud: Aproximações entre filosofia e psicanálise. **Problemata - Revista Internacional de Filosofia**, [s. l.], v. 13, ed. 2, p. 5-16, 2002.

MOURO, Mariana *et al.* G1. **In: Homem que apoiava Bolsonaro mata defensor de Lula em discussão sobre política em MT**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/06/afeganistao-como-era-a-vida-das-mulheres-antes-do-taliba.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MURAKAMI, Rose *et al.* Religião e Saúde Mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. **Revista Brasileira de Enfermagem** [en.línea]. 2012, 65(2), p. 361-367.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos Ídolos, ou, como filosofar com o martelo**. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre - RS: L&PM, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falava Zaratustra: Um Livro Para Todos e Para Ninguém**. Tradução: Antônio Carlos Braga. 3. ed. São Paulo - SP: Escala, 2008.

PIRULLA *et al.* **Darwin sem frescura: Como a ciência evolutiva ajuda a explicar algumas polêmicas da atualidade**. Rio de Janeiro - RJ: Harper Collins, 2019.

RIBEIRO, Débora. Dicionário Online de Português. **In: Malandragem**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/malandragem/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre - RS: L & PM, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. In: **Os pensadores**.  
Tradução: Rita Correia Guedes. São Paulo - Abril Cultural, 1984.